



A LIAHONA

Maio

1967



A MÃE ESTÁ SEMPRE ALÍ

Lorin F. Wheelwright

Em que consiste esse precioso laço que une um filho à sua mãe? Seu significado está contido nessa maravilhosa palavra "amor". A criança que é roubada do amor de mãe é verdadeiramente pobre, porque profundamente no seu âmago há um anseio pelo parentesco. Seu coração anela pela barra de um avental que, simbolicamente, é um salva-vidas ao qual segura-se enquanto cresce no mundo. Igualmente trágico é o fado da criança que se torna enredada nesta barra de avental e jamais se liberta. Este é o laço mais delicado e vital entre a mãe e o filho, e necessita cuidadosa urdidura para que assim seja forte o bastante para aguentar em tempos de dificuldades, e ainda seja impalpável o suficiente para afrouxar quando a maturidade demandar.

Podemos carregar a nossa observância do Dia das Mães com um sentimento sobranceiro à inteligência do pai sábio que diz: "O desaleitamento é essencial à subsistência." Precisamos lembrar a sabedoria "que faz a razão arregalar os olhos." É a lembrança de uma mãe cuja influência está sempre presente, embora seja dita em algum lugar "ali". Ela está sempre "ali" para ensinar, orientar, confortar. Está sempre "ali" para disciplinar quando necessário, para aconselhar, e para incitar a maiores realizações. Está sempre "ali" para nos chamar à casa ao anoitecer e para nos abrigar quando outros nos são hostis, para nos acreditar quando outros se mostram céticos, para confiar em nós quando outros duvidam. Esta lembrança de mãe começa como uma imagem nos olhos do filho e cresce ao tocar seus ternos momentos de fome, esperança e felicidade.

Alimentemos os laços que nos unem às nossas mães; lembremo-nos de que muito após o laço do avental ter se afrouxado, permanece um fio mais forte que une para sempre — urdido com fios ternos de amor e fortalecidos pelos votos sagrados da paternidade eterna. Honrar a mãe é manter estes laços tão puros que quando atingirmos uma esfera celestial possamos novamente ser unidos como família. Então poderemos tornar à casa, a mãe que sempre tem estado ali, amando-nos, orando por nós e aguardando o nosso retorno seguro.

Explorando o Universo

Franklin S. Harris Jr.

A HIBERNAÇÃO

Foram comunicadas pelo Dr. Charles P. Lyman, da Universidade de Harvard, interessantes observações sobre a hibernação em mamíferos e aves.

A hibernação é um estado letárgico que ocorre nos animais pecilotérmicos quando a temperatura do corpo cai a uns poucos graus acima da temperatura de congelamento e o metabolismo diminui para 1/50 do normal. Pelo menos 5 das 18 ordens de mamíferos viventes têm espécies que hibernam. Estão incluídos entre os animais hibernantes o Ouriço-cacheiro, dois lêmures, a maioria dos morcegos, os arganazes, os esquilos, as tâmias, as marmotas, os ursos e algumas espécies de ratos. Os gaviões e os beija-flôres podem diminuir a temperatura do corpo num ambiente de temperatura desfavorável.



Alguns esquilos hibernam na mesma época do ano mesmo num laboratório artificialmente iluminado e provido de ar condicionado. Os hamsters sírios hibernarão em qualquer época do ano se expostos ao frio por um período de tempo suficientemente longo. Certas espécies de ratos hibernam cada noite e se reaquecem no dia seguinte. A temperatura ambiental ótima para a hibernação na maioria dos mamíferos varia em torno de uns poucos graus centígrados acima de zero. O número de respirações diminui para menos de uma por minuto, as batidas do coração diminuem para duas ou três batidas por minuto. Se a temperatura ambiental se aproximar de zero, o animal em hibernação aumentará a sua taxa metabólica podendo assim manter a sua temperatura sem acordar.

ARTIGOS:

2. **A Mãe Está Ali.** Lorin F. Wheelwright
6. **Onde Está a Paz.** Howard W. Hunter
8. **Anos de Aprendizado e Espera.** Helen Grant Barton
10. **Se Apenas...** Elaine Thurman
14. **Os Filhos são a Herança do Senhor.** Boyd K. Packer
15. **Obediência — Primeira Lei do Céu.** S. Dilworth Young
16. **A Partir de Cumorah - XII.** Hugh Nibley
19. **Então é Disso que são Feitos os Meninos - IX.** W. Cleon Skousen
24. **O que Estamos Esperando.** Richard L. Evans.
30. **Os Manuscritos do Mar Morto.** Hugh Nibley.
33. **As Placas de Ouro e o Livro de Mórmon.** Thomas Stuart Ferguson.
35. **Mensagens as Mães.** Meta Bro
39. **Sapatinhos Vermelhos.** Viola Meeks
40. **O Amor Estará Pronto.** Florence Hodges

SEÇÕES:

3. **A Hibernação.** Explorando o Universo
4. **O Mais Nobre chamado na Vida.** Mensagem de Inspiração.
12. **E Agora Bispo, Que Vamos Fazer** Bispado Presidente
22. **Obediência — Chave da Salvação.** Genealogia.
25. **Vamos Fazer um Satche para Mamãe.** Meu Cantinho.
26. **Lá nos Cumes.** Escolas Dominical
27. **Como Jesus Usou as Palavras.** Ensino
28. **Um Presente Bossa Velha.** Meu Cantinho
37. **Notícias**
38. **A Última Palavra.**

Programa Noite Familiar — Páginas Centrais.

CAPA: Em kodakchrome de Rui Marques Bronze detalhe do "Monumento as Bandeiras", de Victor Brecheret - São Paulo.

A Liahona, R. Afonso Braz, 464, 3.º, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva. A Liahona, órgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é tradução do Unifi de Magazine e se acha registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráf. S. A., R. Ana Neri, 466 São Paulo. Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8016, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761. São Paulo SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Preços: Assinatura anual para o Brasil; NCr\$ 3,00, para o exterior simples US\$ 3.00, aérea US\$ 7.00. Exemplar NCr\$ 0,30, atrazado NCr\$ 0,60. As mudanças de endereço devem ser feitas com trinta dias de antecedência, devendo indicar o antigo e o novo endereço.

O Mais



Presidente David O. McKay

É difícil, senão impossível, dizer-se de algo com absoluta certeza, “isto é o melhor,” ou “isto é o pior.” Se nos expressarmos assim, outrém, com maior inteligência e mais experiência poderá dizer com muito maior precisão que algo mais é melhor, ou que alguma outra coisa é pior. Portanto, é sábio não dogmatizar, nem afirmar com demasiada segurança coisas sôbre as quais possa haver divergência de opinião e acêrca das quais o juízo de outra pessoa poderá ser tão abalizado quanto o de qualquer outra. É pois um pouco de presunção destacar especificamente o *mais nobre* chamado na vida, pois, tão logo assim seja denominado, alguém poderá demonstrar conclusivamente que empregamos o superlativo de maneira imprópria.

Entretanto, não importa qual seja, é evidente que a mais nobre obra do homem deve estar impregnada da maior de tôdas as forças — Amor. Além disso, êste poder não deve estar dirigido a propósitos egoísticos, nem à realização de fins pessoais. Embora a auto-preservação seja a primeira lei da natureza, um chamado que tenha em vista somente a preservação do próprio indivíduo não pode ser considerado nobre, um termo que exclui tôda a sordidez e inclui grandeza de espírito e generosidade de alma.

O mais nobre chamado na vida, então, deve ser tal que o atributo do amor esteja manifesto, não pelo próprio ser, mas por outros. Deve ser o chamado que mais emula a verdadeira maternidade, a mais poderosa de tôdas as forças na sociedade humana. Verdadeiramente, se a maternidade não fôsse uma criação individual e distinta, poderíamos pausar aqui e fazer com que todos os homens dignos concordassem em que a maternidade é o mais nobre chamado na vida, e que o que torna sagrada a maternidade é o seu elemento semelhante à obra de Cristo, o dar a sua vida em favor de outrém. Um pai poderá voltar as costas ao seu filho,

Nobre Chamado na Vida

irmãos e irmãs podem tornar-se inimigos inveterados, maridos podem desertar das suas espôsas, mas o amor de mãe persevera através de tudo.

O elemento, então, que torna divina a verdadeira maternidade deve também impregnar êste chamado ou vocação que merecerá ser distinguido pelo termo, *mais nobre*. O *mais digno chamado na vida, por conseguinte, é aquele em que o homem melhor possa servir ao seu próximo*. Não é a pregação; não é o ensino; não é a medicina; não é a engenharia, nem qualquer outra vocação comum entre os homens. Cada uma destas, não obstante ofereça oportunidades para servir, poderá ser seguida por homens movidos pelos motivos mais sórdidos e egoísticos.

O mais nobre objetivo na vida é esforçar-se para viver de modo a tornar outras vidas mais felizes e melhores. Browning toca o ponto crucial em *Paracelsus*, ao dizer:

Há uma resposta aos arrebatados anelos do coração por plenitude, e eu a conheci, e a resposta é esta: Vive em tôdas as coisas por fora de ti mesmo pelo amor, e terás alegria. Esta é a vida de Deus; deve ser a nossa vida. Nele ela é consumada e perfeita; mas em tôdas as coisas criadas, ela é uma lição aprendida em dificuldade e vagarosamente.

Tal é a divina mensagem dada ao Profeta Joseph Smith nas palavras: "Lembrai-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus." (Doutrina e Convênios 18:10.) Tal é o pensamento expresso pelo Redentor numa declaração aparentemente paradoxal: "... quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á." (Mateus 16:25.) O significado disto torna-se claro à luz de outra passagem que diz: "... quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:40.)

A nenhum outro grupo de homens em todo o mundo

é dada uma oportunidade melhor de engajar no mais nobre chamado da vida do que a que é dada aos élderes na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Suas vidas são dedicadas ao estabelecimento da salvação e da paz, em tôda a extensão dos seus esforços individuais; seus talentos e seus meios são consagrados a tornar o mundo um lugar melhor e mais adequado para o homem.

Apenas o fato de estar associado a homens que estão se esforçando por tal objetivo já é uma alegria; e ajudá-los na sua emprêsa, uma inspiração. Altruisticamente, estão tentando servir ao seu próximo em amor. Até aqui, pelo menos, são verdadeiros seguidores do Mestre; pois: "no próprio âmago da fé cristã, o mais sublime dos seus ensinamentos, e para aquele que penetrar o seu sentido mais profundo, o mais humano é isto: Para salvar a humanidade perdida, o Deus invisível veio habitar entre nós, na forma de um homem, e desejou fazer-se conhecido por êste sinal: *Amor*."

Deus abençoe os élderes, e também às mulheres, que, se não em perfeito amor, pelo menos com um desejo de trazer alegria e paz a outros, estão engajados no mais nobre chamado na vida!

Servos dignos do Senhor, eis o que sois! Mestres! Seguidores do Verdadeiro Mestre, o Maior de todos os Exemplos! Avante com a vossa nobre obra! Não há maior nem mais justa! Vossa é a alegria prometida pelo Salvador, que disse:

E se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias proclamando o arrependimento a êste povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai.

E agora, se a vossa alegria fôr grande com uma só alma que trouxestes a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria se me trouxerdes muitas almas. (Doutrina e Convênios 18:15, 16.)

Onde Está a Paz?

Howard W. Hunter

do Conselho dos Doze

Discurso proferido na Conferência Geral de
Outubro de 1966



Numa das nossas grandes universidades recentemente ocorreram distúrbios provocados por estudantes carregando grandes cartazes, alguns dos quais trazendo as palavras: "Queremos Paz." Não pode ser negado que vivemos em tempos dificultosos e que a vida da maioria das pessoas no mundo atual é afetada pela guerra. Ambos os lados da controvérsia tem declarado os seus termos para a paz, e os políticos falam de uma paz duradoura e imparcial a despeito de que ao longo da história tenha havido uma beligerância quase contínua e agitação política.

O Apóstolo Tiago, escrevendo a Israel, perguntou o seguinte: "Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, das vossas concupiscências, que nos vossos membros guerreiam?"

"Cobiçais, e nada tendes: matais e desejais obter, e não o obtéis: combateis e guerreais, e nada tendes, porque não pedis.

"Pedis, e não recebeis, porque pedis errôneamente, para que possais consumi-lo nas vossas concupiscências." (Tiago 4:1-3; traduzido diretamente da Versão do Rei Tiago.)

No tempo em que isso foi escrito, os judeus estavam em revolta contra os romanos em defesa da sua religião, e lutando pela obtenção da liberdade à qual acreditavam-se intitulados. Tinham-se dividido em muitas facções e tinham conflitos entre si mesmos. Na mesma época estavam empreendendo guerra contra os pagãos no Egito, na Síria e em outros lugares, matando a muitos e eles próprios sendo massacrados por sua vez.

Tiago levanta a seguinte questão: Não vem a guerra das concupiscências? As disputas judaicas e as guerras predatórias eram geradas pela cobiça. A cobiça tem sido a força motivadora das guerras que têm afligido e desolado o mundo. Uma nação tem cobiçado o

território e a propriedade de outra ou tem tentado forçar a sua vontade ou modo de vida sobre outra recorrendo à violência física como meio de realizar seus propósitos. As nações matam, chacinam, queimam e destroem até que uma delas seja vencida. A história tem sido uma monótona repetição de destruição intencional e injustificada de vidas e propriedades. Hoje não difere de ontem. O povo ora e clama por paz.

A palavra *paz* aparece frequentemente nas escrituras e tem muitos significados. Em Grego clássico a palavra refere-se à cessação, interrupção, ou ausência de hostilidades entre as forças rivais. Esta definição é a antítese da guerra e da luta. O Novo Testamento, entretanto, tem dado uma significação mais ampla. Isto em parte é devido à influência do vocábulo hebraico para paz, que tem um significado muito mais abrangente. Foi frequentemente empregado como uma forma de saudação quando as pessoas se encontravam ou se despediam: "Possa a paz estar convosco."

Jesus disse, "Filha, a tua fé te curou; vai em paz..." (Marcos 5:34) Na noite do dia da ressurreição, ele veio ao lugar onde os discípulos estavam reunidos e disse-lhes, "Paz seja convosco."

"E, dizendo isto, mostrou-lhes as suas mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor.

"Disse-lhes pois Jesus outra vez: Paz seja convosco..." (João 20:19-21.)

Paulo incorporou esta saudação nas sentenças iniciais das suas cartas, como o fizeram os demais autores de epístolas.

A palavra também tem sido usada no Novo Testamento com referência à "paz doméstica" entre marido e mulher (I Cor. 7:15), às relações harmoniosas dentro família como um todo (Mt. 10:34), e em muitas instâncias, às relações pessoais felizes com os demais. Também tem sido usada para signi-

ficar "paz de espírito" ou serenidade, e relações corretas entre Deus e o homem.

Devido a estas diferenças nas definições, aqueles que buscam a paz poderão estar buscando condições diferentes. A paz pela qual o mundo anseia é uma época de hostilidades suspensas; mas os homens não compreendem que a paz é um estado de existência que vem ao homem somente de acordo com os termos e condições estabelecidos por Deus, e não de outro modo.

Num salmo do Livro de Isaías estão as seguintes palavras: "Manterás em perfeita paz aquele cuja mente está firme em ti, porque ele confia em ti." (Is. 26:3; trad. dir. da versão id.) Esta perfeita paz mencionada por Isaías nos chega somente mediante crença em Deus. Isto não é entendido por um mundo inerente.

Na última ocasião em que Jesus ceiou com os Doze, lavou-lhes os pés, partiu o pão para eles e passou-lhes o cálice; após ter Judas deixado o seu meio, o Mestre falou-lhes por algum tempo. Entre outras coisas, falou-lhes da sua morte iminente e do legado que deixaria a cada um deles. Não havia acumulado mercadorias, propriedades, nem riquezas. O registro não nos fala de posses outras que a roupa que usava, e no dia seguinte após a crucificação esta seria dividida entre os soldados, que lançariam sortes pela sua túnica. Seu legado foi dado aos seus discípulos nestas simples porém profundas palavras: "Deixou-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (Jo. 14:27.)

Ele empregou a forma judaica de saudação e bênção: "A minha paz vos dou." Esta saudação e legado não deveria ser tomada por eles no sentido usual, pois ele disse: "... não vo-la dou como o mundo a dá." Nenhum voto vazio, nenhuma cerimônia apenas polida, como as pessoas do mundo usam as

palavras por questão de costume; mas como autor e Príncipe da paz, éle a deu a êles. Conferiu-a e lhes disse: "Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." Dentro de poucas horas êles estariam sujeitos a dificuldades, mas com a sua paz poderiam subjugar o médo e permanecer firmes.

Sua última declaração antes da oração de encerramento desta memorável noite foi: "... no mundo tereis tribulações, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." (Jo. 16:33.)

Não há promessa de paz àqueles que rejeitam Deus, àqueles que não guardam os seus mandamentos ou que violam as suas leis. O Profeta Isaías falou da decadência e da corrupção dos líderes e então continuou nas suas admoestações, dizendo: "Mas os ímpios são

como o mar bravo, que se não pode aquietar, e cujas águas lançam de si lama e lódo.

"Não há paz, diz o meu Deus, para os ímpios." (Is. 57:20-21.)

Os injustos e os ímpios não têm paz, e suas ações afastam a paz dos outros. A perturbação no mundo tem sido usualmente causada por uns poucos indivíduos ou por uma minoria, causando o sofrimento de milhões de pessoas inocentes. Hoje, tal como nas eras passadas, aquêles que são as inocentes vítimas dos opressores esperançosamente procuram a paz. Isto não poderá vir mediante agitações e cartazes ou mesmo pela cessação de hostilidades. Poderá vir sómente pela maneira como o Senhor deu a sua paz aos Doze, "não como o mundo a dá."

Um dos grandes escritores disse: "A paz não habita nas coisas exteriores, mas dentro da alma; podemos preservá-la no meio da mais amarga dor, se nossa disposição permanecer firme e resignada. A paz nesta vida jorra da aquiescência, não da isenção do sofrimento." (Fenélon.)

Emerson escreveu: "Nada pode trazer-lhe a paz senão você mesmo; nada pode trazer-lhe a paz senão o triunfo dos princípios." (Ensaio: "Auto-Confiança.") Êstes princípios estão incorporados no evangelho de Jesus Cristo. A indiferença ao Salvador ou o fracasso em guardar os mandamentos de Deus traz a insegurança, perturbação interior, e contenda. Êstes são os opostos da paz. A paz sómente pode vir ao indivíduo por uma rendição incondicional- rendição ao Príncipe da paz, que tem o poder de conferir o paz.

Podemos viver numa bela e pacífica vizinhança mas, devido à dissensão interior e à discórdia, estaremos em constante perturbação. Por outro lado, podemos estar no meio da mais total destruição e derramamento de sangue da guerra e ainda ter a serenidade de uma infável paz. Se examinarmos o homem e os costumes do mundo, encontraremos confusão e tumulto. Mas se nos voltarmos para Deus, encontraremos paz para a alma agitada. Isto foi tornado claro pelas palavras do Salvador: "... no mundo tereis aflições." (Jo. 16:33); e em seu legado aos Doze e a tóda a humanidade, disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá..." (Jo. 14:27)

Podemos encontrar esta paz agora num mundo de conflito se aceitarmos sua grande dádiva e o seu subsequente convite: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração: e encontrareis descanso para as vossas almas." (Mt. 11: 28-29)

Esta paz nos abriga da perturbação do mundo. O conhecimento de que Deus vive, de que somos os seus filhos, e de que nos ama, acalma o coração aflito. A resposta à busca jaz na fé em Deus e em seu Filho, Jesus Cristo. Isto nos trará a paz agora e na eternidade vindoura.

Dou o meu testemunho de que Jesus é o Cristo, o Salvador do Mundo, e de que esta é a sua Igreja, no seu sagrado nome. Amém.





Uma esposa de presidente de missão fala sobre a grande bênção de ter pais sábios e de usar com inteira vantagem os...

Anos de Apre

Tanto quanto me concernia, o trabalho dela era ingrato. *Supõe-se* que as mães devam remendar, passar, cozer, costurar belos vestidos, medicar braços machucados, limpar a casa e ser agradáveis, não é? Lembrou-me de muito poucas mães que não faziam estas coisas, mas a minha mãe desempenhava as suas tarefas e ainda ia um pouco além. Ela desejava que fôssemos mais do que o comum.

Fui criada numa fazenda onde muitas tarefas eram esperadas de nós, e onde podar cebolas e empilhar o feno trazia-nos segurança. Mamãe podia enxergar além do trabalho corriqueiro. Papai e mamãe queriam que as suas cinco filhas, dois filhos, (e um outro rapaz que viveu conosco por muitos anos) mostrassem amor ao Senhor vivendo seus ensinamentos e dando de si mesmos mediante a palavra, as obras e a música. Nossa vida não era fácil; mas agradeço a Deus por isso, porque encontrei alegria em escolher feijão na mesa da cozinha, cantar em cântico enquanto a louça era lavada e enxugada, ver quão brilhante e limpo o chão da cozinha parecia após ter sido esfregado e encerado, e em esforçar-me por realizar em tudo o que fazia um trabalho bem executado.

Meu Violino Húngaro

Cada uma das crianças estudou um pouco de piano antes de tomar lições de outro instrumento. Como pôde minha mãe saber quanto eu iria precisar desta instrução mais tarde na vida? Um dia, papai e mamãe colocaram um belo violino húngaro no meu colo e disseram: "Isto é para você." Trabalhei dois anos no campo para pagá-lo; e quão grata sou aos meus pais que me deram a oportunidade de assim fazer, porque eu apreciei muito mais o meu instrumento assim! Tia Susie Grant Mann foi a minha professora de vio-

lino por anos; então o Professor Lawrence Sardoni assumiu a função. Eu devia praticar uma hora diária, e diariamente me esquivava, mas depois de mamãe muito cutucar eu praticava. De início, eu tinha de praticar no banheiro (acho que os guinchos eram demais para a família,) mas eu não me importava, pois fazia experiências com os belos sons que ressonavam ao baterem no tanque de água e ricochetearem de volta a mim. Não pratiquei as escalas tanto quanto deveria ter praticado porque gostava muito mais das belas melodias; mas porque negligenciei as escalas, algumas das belas melodias que agora quero tocar são mais difíceis de aprender. Quão tola fui por não ter aproveitado inteiramente as vantagens destes anos de aprendizado e espera!

Elegância Social Enquanto Trançava Tapetes

Mamãe sempre foi reservada e uma perfeita dama. Ela não era apenas uma pregadora para a sua família; era também ativa em benefício de outros. Foi obreira no templo por 25 anos; serviu na presidência da AMM da estaca, e eu achava que ela tinha a mais bela voz do mundo. Uma ou duas vezes deixou-me acompanhá-la ao violino quando cantava nas reuniões da Igreja.

Mamãe ensinou a mim e às minhas irmãs a etiqueta social enquanto trançávamos tapetes no jardim. Então lia livros para nós. Disse que podíamos ser o que quer que quiséssemos ser se apenas tomássemos um dia por vez e planejássemos aquele dia de modo tal que fôssemos um pouco melhor do que fôramos no dia anterior.

Não me recorde de nenhuma vez que tenha voltado de um encontro e não tenha achado mamãe esperando por mim, aproveitando o tempo para fazer algo. Eu precisava de conselho e orientação, e ela estava



Ilustração de Dale Kibourn

lizado e Espera

Helen Grant Barton

cônsua disso.

Eu era tímida, e meu pai ensinou-me como falar. Penso que preferiria ouvi-lo apresentando uma lição na Escola Dominical a qualquer outra pessoa que conheça. Ensinou na classe de Doutrina do Evangelho por 45 anos, e nunca as suas lições foram cacetes. Trazia-as atualizadas e mostrava como poderíamos incorporar os ensinamentos da Bíblia e do Livro de Mórmon em nossas vidas.

Eu adorava proferir discursos de 2 ½ minutos na Escola Dominical porque meu pai os tornava divertidos. Recebia anualmente um livro de prêmio por frequência à Escola Dominical, desde quando era ainda muito pequena. Meus pais iam à Escola Dominical e esperavam que eu também fôsse. Este hábito eu trouxe para a minha própria família.

O Período de Aprendizado e Espera na Vida

Eu era organista da Primária, e adorava bombear cada nota com os antigos pedais. Tocava meu violino em uma pequena orquestra de cordas da Escola Dominical; e foi aí que encontrei meu marido, que também toca violino.

Tanto o meu marido quanto eu achamos que os jovens devem desenvolver seus talentos cedo no período de aprendizado e espera das suas vidas. Em nossa própria família tem sido muito divertido têmos uma orquestra de cordas. Catherine, Grant, Ann, Ray III, Bruce e Helen Gay, todos tocam algum instrumento. Estamos longe de sermos profissionais, mas adoramos tocar na Igreja e nas noites familiares. Catherine tem talentos dramáticos e Ann é a nossa ave canora. Após sua excursão de seis meses com o grupo *Curtain Time* — USA da Universidade Brigham Young, Ann ficou conosco na Missão Britânica como missionária. Estava apta a cantar com o nosso Coral

Missionário Mórmon, que já gravou várias vezes. O Presidente Barton acha que a música e os esportes são poderosas ferramentas para ajudar a espalhar o Evangelho Restaurado de Jesus Cristo aqui na Inglaterra. O nosso Coral de santos ingleses já gravou duas vezes — sendo uma vez com a orquestra de Stanley Black em Londres.

Meu espôso e eu precisamos de proferir vários discursos semanalmente nas reuniões com os missionários, reuniões nos ramos, conferências distritais, noites familiares para investigadores e em reuniões com grupos cívicos. Sabemos que os nossos discursos de 2 ½ minutos e os nossos chamados anteriores na Igreja têm nos ajudado a desempenhar isso. Tenho também dívidas para com a minha experiência na junta geral da AMM por ter-me preparado, pois antes de ter sido chamada para a junta ainda ficava muito pouco à vontade em frente a uma audiência. Então, certo dia disse a mim mesma: “Esta é uma atitude muito egoísta. Você não está pensando nas necessidades alheias.” Quando comecei a pensar no que era necessário para uma reunião em particular, descobri que estava pensando cada vez menos em como eu parecia e no que estava fazendo. Jamais esquecerei minha primeira entrevista com uma autoridade geral. O Élder Alma Sonne, Assistente do Conselho dos Doze, segredou-me: “Agora você terá de caminhar um bocado para ser tão boa quanto a sua mãe.” Ele estava certo, mas com as excelentes instruções de mamãe, aprendi grande parte do caminho.

Tanto meu marido quanto eu estamos humildemente agradecidos aos nossos pais por terem podido antecipar a nossas necessidades cedo na vida. À juventude da Igreja dizemos: “Tirem o máximo de vantagem dos seus anos de aprendizado e espera, pois que vocês são os líderes de amanhã.”

*Voltei-me,
e ali estava o Bentinho
à entrada da Porta.*

Se Apenas...

Elaine Thurman

ULTIMAMENTE TENHO FEITO LONGAS CAMINHADAS INTROSPECTIVAS. Penso sobre a vida e a morte — coisas sobre as quais todos se interrogam, suponho. Algumas vezes caminho horas, mas sempre termino no mesmo lugar.

Hoje fez uma cintilante tarde de novembro. Não havia uma pessoa a vista quando cheguei. Meus pés moveram-se em direção ao montículo de terra solta, tal como fizeram ontem, e no dia anterior, e no dia antes deste, e em cada dia do mês passado.

Tomei minha costureira posição de joelhos ao lado da pequena lápide inscrita com estas tristes novas: "Aqui jaz Bento de Aquino — Nascido em 23 de maio de 1957, Falecido em 14 de outubro de 1965." Estas palavras fizeram correr novos choques pela minha espinha acima, tal como eu sabia que fariam. Pois, mesmo passado um mês eu ainda não podia crer. Quando lembrava de Bentinho, lembrava de um menininho loiro correndo para a escola ou para o treino de futebol, não de uma forma fria aqui com todos estes estranhos.

Algo mais me perturbava, e penso que jamais o esquecerei. Havia voltado da escola após um longo e agitado dia. Dona Engracia tinha decidido que nossos trabalhos deveriam ser entregues na manhã seguinte e não na próxima sexta-feira. "Seu" Abel fora bom o bastante para nos avisar de que uma prova de história sobre os últimos cinco capítulos seria feita amanhã. "De qualquer forma, minhas tarefas costumeiras para casa estavam pontilhadas aqui e ali com grandes dores de cabeça — álgebra e contabilidade. Tinha-me arrastado até em casa com a minha aparência de "êta diazinho apertado". Mamãe nem teve coragem de me perguntar como fora o dia.

Ao dirigir-me para o meu quarto, ouvi duas vozinhas sorindo. Abri a porta, e ali estava o Bentinho mais um seu amiguinho na minha penteadeira, espiando o meu baton. Não tinham feito bagunça. Na verdade, tinham tido muito cuidado em não fazê-la. De qualquer modo, isto foi aquêla "me dá cá aquela palha" que me fez perder a paciência. Disse-lhes para sumirem dali e nunca virem ao meu quarto quando eu não estivesse em casa, e que não pusessem "as mãos nas minhas coisas, seus pestinhas!" Devo tê-lo chamado de peste umas quatro ou cinco vezes. Como pude ser assim tão rude?

A face de Bentinho ficou vermelha como uma be-terraba, eu sabia que êle estava envergonhado e arrependido. Até mesmo desculpou-se; mas oh, não, eu não podia tê-lo deixado ir-se sem um sabão. Tinha de ser firme.

À mesa do jantar Bentinho estava desusadamente silencioso e não comeu muito; mas acho que fui a única que notei, porque mamãe e papai estavam conversando e sua atenção estava longe dali. Após o jantar, pedi licença e fui estudar. Enquanto estudava, senti que

alguém me observava. Voltei-me, e ali estava o Bentinho à entrada da porta.

"Feche a porta, por favor," disse eu bruscamente.

Ele hesitou, então fechou-a vagarosamente, com um olhar sentido e perplexo.

"Depois dar-lhe-ei alguma recompensa," pensei, e então voltei meus pensamentos novamente ao trabalho.

A manhã seguinte foi quente, senti-me fatigada ao sair da cama. Vesti-me correndo e desapareci para a mesa da refeição da manhã. Tinha cinco minutos para comer. Bentinho era o único à mesa, Mamãe cozia ovos na cozinha. Ao sentar-me, senti seus cálidos olhos escuros em mim, e encarei seu olhar suplicante com um olhar frio.

"Você ainda está brava comigo?" perguntou.

"Acho que sim." Realmente, eu não estava, mas achei que êle ainda não havia aprendido a lição.

"Desculpe-me. Não faço mais."

"Veremos," disse eu, cortante. Então apressadamente, engolindo o último bocado da refeição, agarrei meus livros e corri para o ponto do ônibus, ignorando-o propositadamente. Mas ao correr porta afora, algo da tristeza dos seus olhos trouxe-me um sentimento de culpa, e lembro-me de ter pensado, "Depois dar-lhe-ei alguma recompensa." Êste era o meu problema. Sempre estive com muita pressa para aproximar-me dêle. Estava muito ocupada com o meu seminário para ir ao seu jôgo de futebol.. Estava ocupada demais com álgebra para ir à sua peça escolar. Estive sempre muito ocupada para



dar-lhe atenção, e eu poderia ter arranjado tempo tão facilmente.

Foi a última vez que o vi vivo — ali na mesa da refeição da manhã.

Na vez seguinte que o vi, êle jazia sob um lençol branco.

Tinha vindo da escola como de costume, com a cabeça cheia dos pensamentos costumeiros. Notei a bicicleta do meu irmão terrivelmente entortada no jardim. Repentinamente entrei em pânico. Corri para casa com o coração a me sair pela boca. A cozinha estava silenciosa. Não estavam fazendo o jantar. A porta da sala de estar estava fechada, e eu estava aterrada só de pensar no que poderia estar ocorrendo do outro lado; mas o silêncio da cozinha era demais para se suportar e achei-me abrindo a porta.

Minha mãe estava sentada na cadeira de balanço com meu pai ajoelhado ao seu lado, segurando as suas mãos trêmulas. Suas faces tinham expressões idênticas — pálidas de olhos fixos na distância. Quando mamãe me viu levantou-se e tomou-me em seus braços trêmulos. Eu já esperava o pior, e meus temores foram confirmados quando papai relatou os eventos da última meia hora.

Bentinho tinha vindo com pressa de chegar em casa para começar o nôvo aeromodêlo que mamãe lhe havia comprado. Talvez não tivesse olhado ao vir correndo cruzando a rua. O motorista do carro não o vira senão tarde demais. Já havia lido êste tipo de ocorrência muitas vêzes nos jornais; mas acontecera a outras pessoas, não a mim, não a minha família.

Os dias subsequentes foram plenos de lágrimas. Chorei até secarem-me os olhos, ficarem vermelhos e as lágrimas não mais saírem. Não pude comer por dias. Não pude dormir por muito tempo. Tinha sempre o mesmo sonho de estar voltando da escola para casa naquele dia.

Lembrei-me de muitas pequenas coisas que êle fizera para mim — coisas tais como trazer-me um copo de água enquanto eu estudava, engraxar meus sapatos quando eu estava com pressa, trazer-me dente-de-leão, mostrar-me sua nova bola de futebol (o que eu achava um aborrecimento). Estou certa de que todos têm pensado: "Seu eu pudesse começar outra vez. Se apenas tivesse mais uma oportunidade.

Repentinamente desejei uma vez mais falar-lhe nem que fôsse por uns poucos minutos. E quando êle me perguntasse: "Você ainda está brava comigo?" com seus olhinhos castanhos estudando-me a face, eu o tomara em meus braços e diria: "Não, querido, não estou mais brava, e nunca mais ficarei brava com você."

Vagarosamente levantei-me da grama rala. Minhas pernas estavam adormecidas e duras de ter ficado ajoelhada tanto tempo. Apertei contra mim o meu casaco e voltei para casa.



Ilustração de Dale Kilbourn

E Agora, Bispo

PROBLEMA: O bispo ficou sabendo disso na última terça-feira à noite quando o telefone tocou e ele ouviu a voz séria de um sumo-conselheiro. Após uma agradável troca de palavras, a voz do outro lado sorriu com ligeiro embaraço, e então entrou diretamente no assunto:

“Pois é, Bispo, acabamos de realizar a nossa reunião semanal do sumo conselho, e pediram-me que lhe telefonasse.” Houve uma ligeira pausa. “Passamos um tempão tratando dos problemas apresentados pelo comitê do Sacerdócio Aarônico — Jovens. Como sabe, sou um dos membros, e discutimos um bocado sobre os dados estatísticos.” Outra pausa. “O presidente estava um tanto triste com algumas das alas, aquelas que tiveram uma frequência muito baixa à reunião do sacerdócio. . .”

O bispo esperou que ele continuasse, ouvindo cuidadosamente as palavras e explicações. Perguntava-se quantas vezes tinha feito a mesma espécie de chamado: saudações, um ou dois cumprimentos, e então ir direto ao assunto.

“... assim, parece que a sua ala não atinge o mesmo nível das demais alas da estaca. De fato, seu quórum de mestres tem estado no fim da lista por dois meses seguidos.”

O bispo sentou-se ouvindo. Compreendia o chamado e a sua necessidade. Estava bem a par do seu quórum de mestres e em que pé estava, estatisticamente falando, mas também estava a par da AMM e da Primária. Estas estavam no topo das estatísticas da estaca. E no mesmo nível das demais alas. Um pequeno ressentimento insinuou-se em sua mente, e sorriu ao serem os seus pensamentos penetrados pelas palavras do sumo-conselheiro. “... e assim, uma vez que o Sacerdócio Aarônico é a sua *principal* responsabilidade, foi sugerido que o seu homem mais forte fôsse pôsto como coordenador do quórum dos mestres, isso certamente. . .”

Conteve o sorriso. Tudo parecia ser a sua principal responsabilidade; todo mundo queria que pusesse seu melhor homem numa posição chave. Todavia, uma questão se levantava ao telefone: O Sacerdócio Aarônico realmente era a sua maior responsabilidade. Mas o que poderia fazer? E onde achar um outro homem forte para fortalecer os mestres?

“Ora, sei que você está muito ocupado. . . de modo que não desejo atrapalhá-lo mais. O presidente disse-me para não esquecer de congratular-me consigo pelo magnífico trabalho que a sua AMM está fazendo. É a melhor da estaca, sabia?” Um outro sorriso amarelo estampou-se-lhe na face ao pôr o fone no gancho.

Mas o sumo-conselheiro tinha razão: O Sacerdócio Aarônico deveria ter sido a sua principal consideração. Tinha gastado muito tempo com a AMM nos meses anteriores, estava orgulhoso, na verdade, das florescentes realizações conseguidas. Mas assim fazendo talvez tivesse negligenciado o seu quórum de mestres.

Bispado

Presidente

Que Vamos Fazer?

Deixou escapar um suspiro e sentou-se pensando. Agora era tarde, mas seria uma radiosa e ensolarada manhã de domingo quando êle fôsse contar aos seus conselheiros sôbre o chamado telefônico. Estremeceu um pouco ao contemplar exatamente como o seu segundo conselheiro reagiria quando se inclinasse para a frente e dissesse, naquela voz sempre jovial: "E agora, bispo, o que vamos fazer?"

SOLUÇÃO: Vários dias deram-lhe tempo para preparar-se para quando essa pergunta surgisse, tal como sabia que surgiria. Agora sentia-se seguro sôbre ela. Havia feito algo que não fazia há muito tempo: lera cuidadosamente o manual do Sacerdócio Aarônico. Mas estava ansioso para testar suas próprias impressões face às dos seus conselheiros.

"Francamente irmãos, embora aprecie a sugestão de pormos um homem mais forte como coordenador do quórum, pergunto-me se isso realmente resolveria o nosso problema. Quero dizer, pessoalmente acho que o irmão Bezerra tem feito um honesto esforço nessa posição, e fico imaginando onde é que iríamos achar um homem melhor sem estragar uma outra organização. Acho que o problema do quórum dos mestres vai mais longe do que meramente fortalecer o coordenador."

O bispo recostou-se. Seus conselheiros tinham estado com êle por vários anos, e ambos reconheceram que êste era um convite para comentários.

"Bispo, uma vez que minha designação é cuidar dos mestres, gostaria de apoiá-lo com relação a sustentar o irmão Bezerra. Ê um bom elemento. Mas também gostaria de salientar que temos um quórum de mestres muito pequeno, apenas doze rapazes. Se apenas quatro rapazes se ausentarem, isso nos faz descer a 66 por cento."

"Ora, não acho que realmente devamos falar sôbre porcentagens," disse o bispo. "Acho que estamos falando sôbre quatro rapazes. O que a estaca diz é bastante verdade. O nosso quórum de mestres está em má forma. A coisa é que êles têm que citar estatísticas; mas nos podemos dar nomes às suas porcentagens; nomes de rapazes. São os quatro ou cinco rapazes que estamos perdendo que mais me preocupam, e depois dêles estou preocupado pela presidência."

"A presidência?" exclamou o primeiro conselheiro. "Ora, temos os melhores rapazes na presidência dos mestres. Não nos dão um momento de aborrecimento." Êle disse isso em caráter conclusivo, mas o bispo rapidamente redarguiu:

"Justamente, nem um momento de aborrecimento, tampouco nem um momento de ajuda." Estava pronto para explicar-se agora, de modo que, inclinando-se para a frente, firmou ambas as mãos na mesa. "Irmãos, reconheço que falhamos com a presidência dos mestres, e que êles por sua vez falharam com os rapazes que estamos perdendo. Sugiro que a ordem apropriada do

Sacerdócio Aarônico consiste instruímos as presidências e então *elas* instruírem os seus quóruns."

Ambos os conselheiros mexeram-se nervosamente, mas o bispo continuou: "Sabem duma coisa, fiz algo muito importante após aquêle chamado telefônico, algo que eu não tinha feito desde que fomos chamados para o bispado. Espanei o meu manual do Sacerdócio Aarônico e o li — palavra por palavra! E saibam que metemos os pés pelas mãos no que concerne à instrução dêstes jovens para torná-los líderes da Igreja." Silenciou, deixando duas palavras calarem fundo. "Ora, como podemos esperar ensinar-lhes respeito pela autoridade do sacerdote quando temos sido tão descuidados em fazê-los realizar suas reuniões como presidência? Quando foi que realizaram a sua última reunião, ou melhor, quando foi que realizaram uma em que realmente arcaram com suas responsabilidades com respeito à ativação dos seus membros intivos? Ou fazer valer as designações?"

"Quando um mestre recebe uma designação e não a cumpre, quem a cumpre em seu lugar? Um membro da presidência. Mas alguém lhe diz mais tarde algo sôbre isso? Ê êle aconselhado, advertido, amado ou reprovado?" Fez-se um silêncio mais longo então. Afirmo, e agora vejo claramente, que a responsabilidade de formar o quórum não é nossa. Nem mesmo é do irmão Bezerra. Ê dêles, dos rapazes, da presidência!" E então acrescentou suavemente comum bom definitivo todo seu: "Mas a responsabilidade de dar essa visão, êsse desafio à presidência será sempre nossa".



Cêrca de seis meses depois, sentado novamente em seu escritório, o bispado encarou dois ansiosos jovens. Um dos rapazes, o sorridente, era um mestre, membro ativo de um quórum ativo. Há alguns meses atrás estivera inteiramente inativo, meramente um dado estatístico num relatório ventilado certa noite numa reunião do sumo-conselho. Agora estava diante do bispo, pouco à vontade não, obstante orgulhoso do que estava para dizer.

"Bispo, o senhor conhece o Tomaz. Tem vindo regularmente à Igreja comigo já há bastante tempo. Tem estado ativo no nosso quórum, exceto, lógico, por não poder cumprir algumas das designações, uma vez que não é membro da Igreja. Agora pretende afiliar-se. Entretanto, o pai dêle não quer que seja batizado. E certamente é porque não está bem informado. Por isso eu disse a êle que estava certo de que o senhor faria uma visitinha ao seu pai e..."

O bispo já se perdera em devaneios. E embora agradáveis como eram essas palavras, ainda estremeceu ligeiramente pensando nas palavras que ouviria após terem saído, quando aquele conselheiro de voz jovial o olharia fixamente e diria: "E agora, bispo, o que vamos fazer?"



Os Filhos São a Herança do Senhor

Boyd K. Packer

Assistente do Conselho dos Doze

Discurso Proferido na Conferência Geral de
Outubro de 1966

Meus queridos irmãos e irmãs: Poucos dias atrás, as Autoridades Gerais reuniram-se na sala superior do templo para prepararem-se para a Conferência Geral.

O Presidente McKay admoestou-nos a nos sentirmos à vontade, perfeitamente à vontade, desinibidos. Desde êsse convite resolvi abordar com reverência um assunto que até então não tencionara empreender.

Alguns anos atrás, dois dos nossos garôtos lutavam no tapete diante da lareira. Tinham chegado ao ponto em que o riso se torna lágrimas e o brinquedo vira peleja. Meti-me gentilmente entre ambos e ergui o mais velho (então com apenas quatro anos de idade) sentando-o no tapete, e disse: "O que é que há macaco, vamos de-vagar." Ele cruzou os bracinhos e fitou-me com surpreendente seriedade. Seus sentimentos de menino haviam sido feridos, e protestou: "Não sou um macaco, papai — Sou uma pessoa."

Mediti quão profundamente eu o amava, o quanto eu queria que êle fosse "uma pessoa" — uma pessoa de valor eterno. Pois "os filhos são uma herança do Senhor." (Sl. 127:3)

Esta lição tem permanecido comigo. Dentre as muitas que temos aprendido dos nossos filhos, esta talvez, a mais moderadora.

Muito do que eu sei — do que importa que se saiba aprendi dos meus filhos.

A paternidade é a maior das experiências educacionais.

Os nossos filhos, as crianças e a juventude da Igreja, são grandes mestres. Deixem-me relatar duas lições:

Nos dias dos arrais dos pioneiros, não era incomum haver um delegado da ala, cuja designação era, sob a direção do bispo, manter uma conduta ordeira entre os adolescentes.

Certo domingo, após a reunião sacramental, o delegado da ala do pequeno arrial de Corinne aproximou-se de uma carruagem com alguns adoles-

centes. Uma vez que era da sua responsabilidade zelar pelos jovens, insinuou-se furtivamente até perto da carruagem para ver o que estava se passando. Conseguiu aproximar-se de um arbusto ralo bem na hora em que a lua saiu. Tinha de tomar cuidado para não ser visto, mas podia facilmente ouvir tudo o que se passava na carruagem.

Mais tarde, ao relatar o acontecimento ao bispo, explicou o que se passara. Contaram-se algumas piadas, houve muita risada e a costumeira tragarelice adolescente. Disse que cantaram várias canções. O bispo interrompeu o relatório com a pergunta: "Bem, e havia algo errado nisso?" Sua resposta foi: "Claro! eu, atrás daquela árvore danada."

A nossa juventude está sempre ensinando a nós mais velhos, e ensinam lições sérias e sagradas também.

O Presidente Joseph T. Bentley presidia a Missão Mexicana. Lembro-me de ouvi-lo contar um incidente que ocorreu em algum lugar do México, suponho.

Um garôto de 11 anos ferira-se gravemente num acidente automobilístico. Ao ser conduzido ao médico, estava morrendo de hemorragia. À procura de um doador para uma transfusão de emergência, o médico decidiu-se por sua irmã de sete anos de idade. Explicou à garôtinha que o seu irmão estava morrendo e perguntou-lhe se estava disposta a doar o seu sangue a fim de salvar a vida dêle. A garôta empalideceu de medo, mas imediatamente consentiu.

A transfusão foi feita e o médico dirigiu-se à menina: "A côr já está voltando à face dêle." disse. "Parece tudo irã sair bem." Ela ficou feliz porque o seu irmão iria ficar bem, mas disse: "Doutor, quando é que eu vou morrer?" O tempo todo ela pensara que não estava apenas dando o seu sangue, mas a sua vida para salvar o irmão mais velho. Aprendemos grandes lições dos nossos jovens.

Sendo a paternidade uma experi-

ência tão gloriosa, quão importante é que tenhamos reverência por ela.

Freqüentemente recebo cartas, e não raramente visitas de jovens, particularmente em idade colegial, esforçando-se por atingir graus avançados, que pedem conselho sôbre a vinda dos filhos em suas vidas.

Nunca uma geração foi tão asse-diada por aqueles que falam irreverentemente da vida. *Nunca* houve tamanha persuasão para evitar a paternidade. *Nunca* foi tão conveniente bloquear êste frágil caminho da vida através do qual os espíritos vêm à mortalidade.

Há vários anos, enquanto representava a Igreja na Universidade de Montana, achei-me em reunião com representantes de várias igrejas. O moderador pediu a cada um de nós que respondêssemos à questão: "Você acredita em paternidade planejada?" Minha resposta foi um retumbante "Sim!" com a seguinte explicação: Nós *planejamos* ter famílias.

Freqüentemente quando somos visitados por jovens, êles fazem uma pergunta específica: "Quantos filhos deveríamos planejar ter?" Isto eu não posso responder, pois não está no meu domínio saber. Com algumas pessoas não há restrições quanto à saúde, e talvez vários filhos sejam nascidos à família. Alguns bons pais que poderiam ter famílias grandes não são abençoados senão com uma ou duas crianças. E ocasionalmente, casais que seriam ótimos pais não estão aptos a ter filhos naturais e gozam a maravilhosa experiência de adotar filhos nascidos a outros. A paternidade planejada implica em muito mais do que apenas gerar filhos. Nada nas nossas vidas merece mais planejamento que as nossas responsabilidades de paternidade.

Estou preocupado porque os nossos jovens vivem freqüentemente em emba-raço particularmente quando a limitação arbitrária das famílias é representada como socialmente boa.

(continua na página 18)

Obediência - Primeira Lei do Céu

S. Dilworth Young

do Primeiro Conselho dos Setenta

Discurso Proferido na Conferência Geral de
Outubro de 1966



Muitos anos atrás o Presidente Charles W. Penrose, da Primeira Presidência, compareceu a uma reunião sacramental na Ala Richards, em Salt Lake City. Pouco antes de ser iniciada a reunião, o Pres. Penrose dirigiu-se ao púlpito acompanhado pelo bispo. A meio caminho ele parou, voltou-se para o bispo e perguntou-lhe. "Quem pôs aquela placa ali?" A "placa" era um cartaz afixado à frente do púlpito, e dizia:

"A ordem é a primeira lei do céu".

O bispo não sabia, mas supunha que a placa havia sido afixada por uma das auxiliares. Nada mais foi dito. Continuaram em direção ao púlpito e a reunião teve início.

Não sei sobre qual assunto o Presidente Penrose tencionava falar ao chegar à capela, mas quando levantou-se para falar, disse que a ordem não era a primeira lei do céu, mas sim a obediência. Passou os 45 minutos seguintes enfileirando exemplos e citações das escrituras para provar a sua tese. O ponto principal que me impressionou, eu era um garoto nessa ocasião, foi que pela obediência a ordem poderia ser estabelecida, e que sem obediência não haveria ordem, mas caos.

Todos nós estamos familiarizados com a revelação dada a Abraão concernente ao propósito do Senhor Deus:

"E havia entre eles um que era semelhante a Deus, e disse àquêles que se achavam com ele: Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde êstes possam morar:

"E os provaremos com isto, para ver se êles farão tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar." (P.G.V. Abraão 3:24-25).

Aprendemos que para obedecermos ao Senhor precisamos obedecer aos seus servos. Cada oficial presidente deve ser obedecido em retidão, no âmbito da presidência dêle. E assim está claro que obedecemos ao Presidente da Igreja, ao presidente da estaca,

ao bispo da ala e ao presidente do quórum, cada qual nos seus âmbitos de atuação. E finalmente, esquecida por muitos como um requisito dos céus, há a necessidade de obediência aos nossos pais.

Muitos dos nossos filhos não compreendem que a obediência aos pais é um princípio do evangelho.

Os jovens sentem alguma responsabilidade quanto a obediência à lei do dízimo e à lei do jejum, Sabem que devem frequentar a Escola Dominical ou a AMM ou a Primária. Sentir-se-ão culpados se não comparecerem à reunião sacramental. E sabem o suficiente para compreender que quebrar a lei de castidade é quebrar a lei de Deus. Mas muitos dos nossos filhos não consideram a desobediência aos seus pais uma quebra da lei da mesma maneira que a quebra da lei do dízimo. O erro desta falta não jaz necessariamente aos pés das crianças. Sabem aquilo em que foram instruídas e, se não forem ensinadas a compreender e obedecer a esta primeira lei do céu, não se pode esperar que a obedeam.

Há uma escritura muito clara que tem algo a ver com esta relação:

"... se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado." (D&C 68:25)

Embora esta revelação não mencione especificamente tudo o que deve ser ensinado às crianças, certamente está claro que os pais precisam ensinar para que seus filhos obedeam ao ensinamento.

As noites familiares e o contato diário com os filhos proporcionam a ocasião para o ensino. As crianças devem aprender a obedecer aos seus pais e professores enquanto pequenas. Ao entrarem na adolescência, deveria

estar entendido que com a adição de nova liberdade (crescer é um processo de tornar-se progressivamente livre) vem a nova responsabilidade de obediência às leis nas quais a liberdade está baseada. A lei é clara quanto à obediência dos filhos aos pais em retidão até que tenham atingido a maturidade legal. Nada há para ser compelido pelos pais; trata-se de uma obrigação a ser voluntariamente obedecida pelos filhos. Os filhos devem ser ensinados a obedecerem aos seus pais no mesmo espírito em que pagam o dízimo, frequentam a reunião sacramental ou guardam o jejum uma vez por mês.

É uma lei de Deus.

Nossos primeiros pais deram o exemplo. Após ter deixado o jardim com Eva, Adão ouviu a voz do Senhor vinda da direção do Eden, ordenando-lhe oferecer sacrifício. A voz não deu explicações, meramente deu o mandamento. E Adão e Eva obedeceram.

Passou-se muito tempo, durante o qual êles obedeceram explicitamente, até que veio um anjo e perguntou a Adão por que êle oferecia sacrifícios. Sua resposta foi curta mas sincera.

"Não sei; exceto que o Senhor me mandou." (PGV. Moisés 5:6)

É esta resposta o exemplo que deveria ser seguido por todos os filhos. Se os pais dizem aos filhos que deverão estar de volta da festa à meia-noite, ou que não podem usar o carro, ou que não deve ser usada uma roupa tão justa, ou que os vestidos estão muito curtos, ou que a mesada dêste mês não pode ser aumentada ou que a grama deve ser cortada no sábado, a resposta dos filhos deveria sempre ser: "nós obedeceremos." O Senhor não explicou a razão a Adão. Os filhos não deveriam esperar razões dos seus pais, muito embora a maioria dos pais agrade-se em dizer aos filhos as razões.

Maravilha-me o meticoloso cuidado com que o Senhor conduz seus negócios em obediência às leis que êle mesmo

(Continua na página 18)

A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

POR HUGH NIBLEY, DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE HISTÓRIA E RELIGIÃO NA UNIVERSIDADE DE BRIGHAM YOUNG

Traduzido de *The Improvement Era* por Regina Kauag

Parte XII — A História de Zenos

O 33.º capítulo de Alma parece encerrar todo um hino de Zenos. Inicia-se da seguinte forma:

“És misericordioso, ó Deus, porque ouviste a minha oração mesmo quando me achava no deserto. . .” (V. 4.)

Ele principia com um protesto de gratidão, assim como *Hinos de Ação de Graças*, dos pergaminhos do mar morto, e imediatamente faz-nos saber que passara algum tempo no deserto, invocando a Deus. E intercala seu louvor com material autobiográfico, exatamente como o autor dos ditos *Hinos*, quando prossegue:

“... sim, foste misericordioso quando a Ti orei, rogando por aqueles que eram meus inimigos e que fizeste voltar a meu favor.” (idem.)

Isto nos leva ao âmago da questão: Zenos tivera inimigos, mas conseguira através de sua piedade vencer-lhes a oposição e “trazê-los de volta”, a expressão implicando em que tinham sido seus seguidores anteriormente. Em seguida percebemos que Zenos era lavrador, ou pelo menos empenhado nas atividades agrícolas características dos sectários do deserto:

“Sim, ó Deus, e foste misericordioso para comigo quando a Ti clamei do meu campo. . .” (V. 5.)

E dêste ponto em diante é patente que estamos diante de um poema, cada seção se iniciando, como nos *Hinos de Ação de Graças*, com uma manifestação repetida de gratidão: “Tu foste misericor-

dioso para comigo, ó Deus!” E prossegue Zenos:

“... e ainda, ó Deus, quando voltava para minha casa, Tu ouviste a minha oração.” (V. 6.)

Ou Zenos está regressando do campo a sua casa ou (o que é mais provável) de sua permanência no deserto; como menciona a crise de sua vida, isto parece indicar que após passada a provação o profeta regressou a casa por algum tempo. Mas logo seguia viagem:

“Sim, ó Deus, foste misericordioso para comigo e ouviste as minhas preces no meio de tuas congregações.” (V. 9.)

A expressão “congregações” ocorre apenas duas vezes na tradução da Bíblia do Rei Tiago, ambas em hinos solenes de louvor⁷², confirmando a natureza poética do fragmento de Alma.

Que seriam essas “congregações” no meio das quais Zenos passava seu tempo? Em contraste com a Bíblia, os Pergaminhos do Mar Morto estão simplesmente repletos de “congregações” (uma meia dúzia de palavras sendo traduzidas dessa forma), referindo-se a várias comunidades de santos (êles empregam a expressão “santos” com frequência também) que haviam procurado viver a Lei em sua pureza, retirando-se de Jerusalém e formando congregações independentes no deserto. Uma vez que parece, segundo Alma 33:4, que foi “no deserto” que o encontro decisivo teve lugar, o qual terminou por transformar seus inimigos nova-

mente em seguidores, e uma vez que êle apenas podia visitar *congregações*, no plural, afastando-se do lar, acredita-se que Zenos era um líder entre aquelas sociedades de judeus que adotaram o hábito de se estabelecer ocasionalmente no deserto, desde os dias de Josué. Mas para Zenos haveria mais adversidades à frente:

“... Sim, e também me ouviste quando fui rechaçado e desprezado por meus inimigos. . .” (. 10.)

Nesta hora êle era desacreditado, desprezado e expulso — mas não por muito tempo!

“... sim, ouviste o meu clamor e Te indignaste contra os meus inimigos e os visitaste com tua cólera e rápida destruição.” (Idem.)

Êsses foram acontecimentos extremamente sérios. Os papéis se inverteram por completo; a oposição não apenas foi derrotada, mas desbaratada, evidentemente pela força das armas, como soia acontecer com frequência às sociedades do deserto. Portanto, o hino se encerra com uma nota de júbilo:

“... clamarei a Ti em tôdas as minhas aflições, pois que em Ti está a minha alegria, porque, por causa de Teu Filho, afastante de mim tuas sentenças.” (V. 11.)

Mas êste não é o final da história, que deve ser procurado em Helamã 8:19: “... Zenos intrêpidamente deu testemunho d'Ele e, por essa razão, foi assassinado.” *A história de um profeta sem nome*

Agora, comparemos os altos e baixos da carreira de Zenos com as

vicissitudes do autor anônimo de *Hinos de Ação de Graças*, que no Hino “H”, ou n.º 8, inclui na forma de cântico de gratidão um breve resumo de seus próprios feitos, exatamente como Zenos:

“Eu te agradeço, ó Deus, por teres iluminado minha face com o convênio... Mas aqueles que desviaram teu povo, os falsos profetas, com suas palavras abundantes e suas bajulações... Fui desprezado por eles, e me consideravam sem valor, enquanto tu manifestaste teu poder em mim.” (Pág. IV, linhas 1-8.)

Devido à procedência do documento, é provável que isto também tenha-se passado no deserto; os falsos profetas são descritos em termos em tudo familiares ao leitor do Livro de Mórmon, e sua obra, aqui como na história de Zenos, é desviar os santos. “Desprezado” é a própria expressão empregada por Zenos em situação semelhante — “expulso e ... desprezado” — e assim prossegue nosso poeta:

“... pois fui expulso de minha terra como uma ave do ninho; e todos os meus amigos e seguidores foram desviados de mim, e consideraram-me como um vaso que perdeu sua utilidade. Enquanto

aqueles mestres falsos e videntes vãos, que formaram contra mim uma combinação do Demônio, pervertiam a Lei, que tu gravaste em meu coração, em oposição a suas palavras adulatoras a teu povo.” (IV, 8-11.)

Exatamente desta forma os seguidores de Zenos foram atirados contra êle. No *Hino 10* ou “J” êle nos diz:

“Eu tinha-me tornado ... um símbolo de contenda e discórdia para meus amigos ... objeto de murmuração e crítica para todos aqueles a quem havia reunido ... Todos falavam mal de mim, com uma língua perversa, eles que haviam sido membros da minha congregação ... Por causa do segredo que Tu havias escondido em mim, transmitiram boatos falsos aos que procuravam causar confusão.”⁷³

Na segunda vez Zenos não conseguiu trazer de volta os inimigos, mas ao contrário, eles sofreram violenta destruição — êstes eram implacáveis. Os inimigos do poeta Qumran encontraram destino semelhante:

“Pois tu, ó Deus, rejeitaste as maquinacões do Maligno... eles foram apanhados em suas próprias

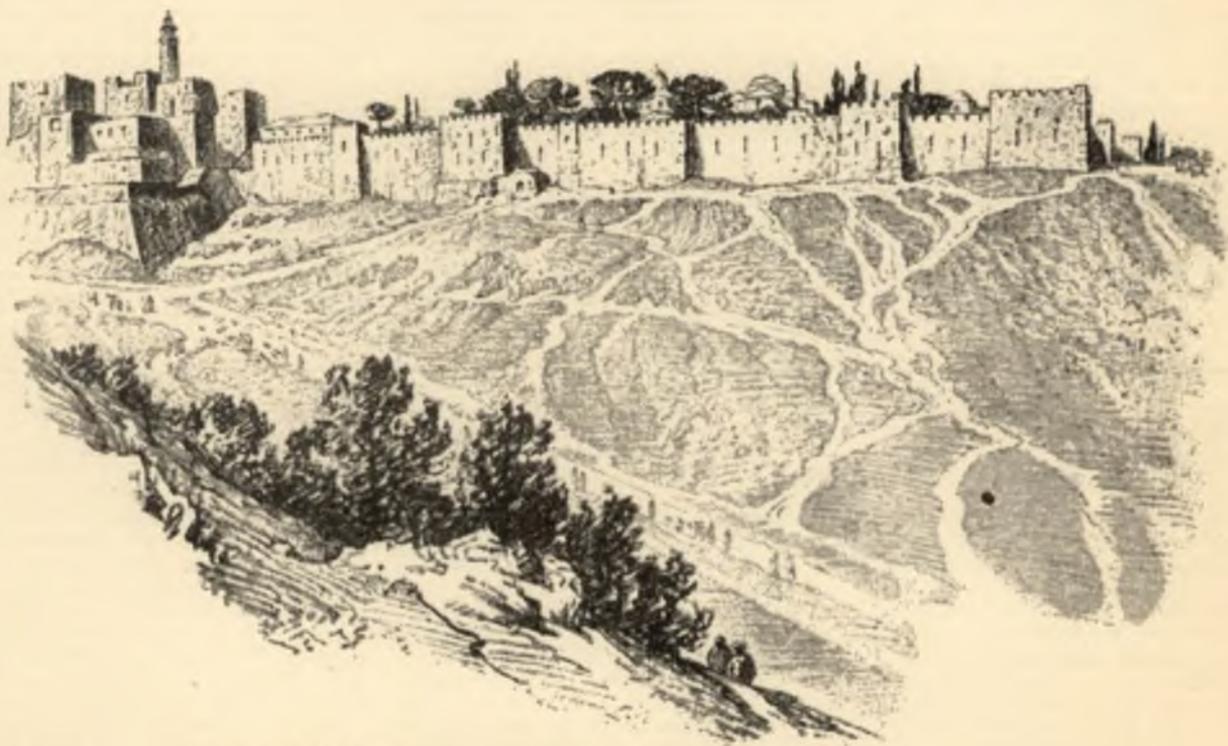
tramas, eles que desviaram o povo de seus convênios...⁷⁴

Como Zenos, nosso herói enfrenta-os desassombadamente:

“Quanto a mim, já que dependo de ti, levantar-me-ei e enfrentarei os que me desprezam... Pois tu me mostraste teu poder ao alvorecer e não cobriste de vergonha as faces daqueles que me apoiaram, que reuniram-se no teu convênio e ouviram a minha voz... na congregação dos santos. Tu farás sua causa triunfar para sempre.” (IV, 22-25.)

Assim como ouviu a oração de Zenos “no meio de tua congregação”, assim também Deus ouviu as vozes deste poeta “na congregação dos santos”. As condições dos dois homens — se é que na verdade não são uma só e a mesma pessoa! — parecem-se extraordinariamente: É a mesma história de inspiração e prece poderosa, oposição, expulsão, humilhação e triunfo final, tudo no deserto, no meio das congregações. Segundo relatado no *Comentário de Habacuque*, dos Pergaminhos do Mar Morto, o misterioso e muito discutido “Mestre da Retidão” atravessa vicissitudes bastante semelhantes.

A cidadela e a Muralha da Cidade, com o Jardim de Herodes. Jerusalém.



André Fellet

Em primeiro lugar somos informados de que o Mestre da Retidão fôra atacado pelos iníquos e que o povo havia sido atirado contra êle pelo Homem das Mentiras que os desviara do convênio (1:4-5); depois, descobre-se que o Homem das Mentiras levantara falsos testemunhos contra o Mestre da Retidão numa conferência geral, sendo apoiado por uma facção que se recusou a vir em defesa do Mestre. (1:13.)

Então sabe-se de um sacerdote iníquo que a princípio parecia ser íntegro, mas que depois tornou-se ganancioso e inescrupuloso na obtenção de riquezas (2:5-6), voltando-se contra os mandamentos de Deus e, que, como resultado, foi atacado por uma terrível enfermidade. (2:7-8.) Foi êsse sacerdote, verificamos, que perseguiu o Mestre da Retidão e entregou-o nas mãos de seus inimigos. (2:8.)

Depois disso, o Mestre das Mentiras estabeleceu sua própria comunidade religiosa, por artifícios e enganos (2: 12-13) e perseguiu o Mestre da Retidão até o lugar para onde havia fugido em busca de

abrigo, evidentemente no deserto. Lá, na reunião de uma comunidade, no Dia da Expição, empregou sua autoridade para procurar tomar o controle da reunião e confundir o Mestre. (2:15.)

A passagem seguinte relata a derrota do sacerdote iníquo e sua desgraça final, mais como uma predição e uma esperança que como fato consumado. "Sua perda é maior que seu ganho. . . O copo da ira de Deus o sobrepujará." (2:16.) Finalmente, descobrimos que o sacerdote iníquo estava sediado em Jerusalém, "a Cidade", onde corrompia o templo e espoliava os pobres. (2:18.)

Seja ou não o Mestre da Retidão o autor de *Hinos de Ação de Graças* (como se tem sustentado), a situação apresentada é obviamente característica dos sectários religiosos, com suas amargas contendas entre facções e líderes.⁷⁵ Mas, conquanto Zenos evidentemente tenha muito em comum com êsses dois líderes, um fato há que o aproxima do autor de *Hinos* que sugere uma completa identidade. Êste fato é sua Parábola da Oliveira.

(No próx. número - "A Oliveira")

NOTAS

72. Isto é, em Salmos 26:12 e 68:26.
 73. *Hinos* 10 (J), v, 22-25. Os que procuravam causar confusão poderiam ser os oficiais de Jerusalém. Da forma com que Gaster apresenta as linhas seguintes do poema, elas poderiam ter saído diretamente de I Nefi: "Porque êles obstruíam o meu caminho e, devido a sua infância, a fonte do entendimento foi (dêles) escondida." T. H. Gaster op., cit., pág. 152. "Êles me encurralavam com espessas trevas," continua êle, como Nefi no deserto, "... minha alma estava obscurecida. A tristeza me tomava todo e a sombra da vergonha cobria minha face. . . Eu estava atado com amarras inquebrantáveis. . . Sôbre minha alma turbilhonavam as torrentes do inferno." (Ibid., p. 153).
 74. iv, 22-25. Êle descreve sua libertação "da congregação da vaidade e da assembléia da violência" em vi, 4-7.
 75. L. E. Toombs, em *Journal of Semitic Studies*, 1 (1956), 372 em diante, distingue não menos de seis mestres diferentes na literatura de Qumran, cada um dos quais sofre perseguição, exceto o Messias em sua aparição final.

Obediência — Primeira Lei. . . .

(Conclusão da página 15)

estabelece:

Lembrem-se da noite de 21 de setembro de 1823, quando Joseph Smith foi visitado três vêzes por Moroni, e como no dia seguinte, sentindo-se mal, foi mandado descansar em casa. Ao cruzar a cêrca, desmaiou. Ao recobrar a consciência, lá estava Moroni uma vez mais que lhe mandou ir ao seu pai e contar-lhe tudo quanto havia se passado. Por que? Por muitas razões, umas das quais era que êle tinha dito a Joseph para ir ao monte Cumorah. Joseph não poderia em retidão deixar a fazenda do pai sem a

sua permissão. Esta era a lei geralmente estabelecida. Assim, para poder deixar a fazenda e ir ao monte, Joseph tinha de obter a aprovação do seu pai. Inteirado do relato do que se dera, o pai disse-lhe que isto era de Deus, e que obedecesse.

Não me recorde de nenhuma ocasião em que Joseph Smith pedisse permissão ao seu pai para realizar qualquer ato após os 21 anos. Até esta época foi completamente obediente.

Assim é com você, comigo e com nossos filhos. Nós pais, engagemonos em criar filhos, ensinando-lhes a lei da obediência aos pais.

Que os filhos aprendam esta lei de

Deus como um mandamento a ser obedecido. Que ensinemos a êles também que esta é a grande restauração do evangelho prometida pelos antigos profetas. Ensinemos-lhes que a obediência aos seus pais, a âqueles que presidem sôbre êles, do líder do quórum ao presidente da Igreja, é o alicerce do seu futuro sucesso neste mundo e na sua exaltação no mundo vindouro.

Êstes são os últimos dias. Esta é a última vez. Através do Presidente McKay como profeta, vidente e revelador podemos ouvir a palavra inspirada do Senhor Deus se nós apenas ouvirmos e obedecermos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Os Filhos São a . . .

(Conclusão da página 14)

Nesta geração encontramos um comércio indiscriminado de produtos. Os progressos da medicina com potencialidade de sustentar a vida e extendê-la para os débeis são anunciados — mesmo entre os nossos jovens ainda solteiros — como agentes para evitar a vida e extinguí-la.

Sejam vocês abençoados com muitos ou com poucos filhos, ou talvez experimentem a paternidade através da adoção dos pequeninos sem lar, é um assunto

que lhes será dado a conhecer à medida que suas vidas se desenvolverem. Mas eu os exorto a advirto a abordarem a paternidade com reverência. Quando vocês entram no convênio do casamento e ficam livres para atuar na criação da vida, quando postam-se no limiar da paternidade, saibam vocês que estão pisando um chão sagrado. Reconheçam também que é nestas grandes oportunidades que jazem as ciladas da tentação persistente.

Somos gratos pela nossa família, gratos pelos nossos filhos. Temos aprendido tanto dêles, coisas que nem mesmo

tinhamos consciência de que queríamos saber. Cada um dêles é necessário e querido em nossa família; e repito muito do que sei, do que importa que se saiba, aprendí dos nossos filhos.

Jovens casais, aproximem-se reverentemente de nosso Pai Celestial nessas monumentais decisões da vida. Busquem inspiração nos ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo. Cresçam junto dêle. Talvez, vocês assim como êle venham a "deixar vir aos meninos a (vocês) e não os impedirem pois dos tais é o reino de Deus." (Mc. 10:14) Em nome de Jesus Cristo. Amém.

NONO CAPÍTULO DA SÉRIE
“ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS
OS MENINOS ?”

Traduzido de The Improvement Era
por Regina Kauag

Rédeas Soltas aos Quinze Anos



foto de Juan Condor Vidal.

por W. Cleon Skousen
Chefe de Polícia de Salt Lake City

(Normas de conduta e problemas dos 15 anos)

Quando o garoto normal atinge os quinze anos, tem tendência a perder os freios e escapar para um interlúdio de descontrôle alucinante e desenfreado. Já houvera sintomas dêsse impulso muito antes, mas as fôrças de rebelião da adolescência adquirem agora o pleno vigor. Pode ser que o júnior ande perguntando a si mesmo: “O que me tem dado ultimamente?” E seus pais talvez cogitem a mesma coisa.

Fazendo um retrospecto dos últimos cinco anos, é interessante observar o que vem acontecendo com o júnior. Aos 10 anos êle atingiu seu período áureo como garoto plenamente desenvolvido. Aos 11, partiu de repente para a luta, em veio de depressão, com o queixo belicosamente projetado. Aos 12 êle se acomodou num agradável interlúdio de boa paz. Aos 13 virou filósofo e submergiu em profundas ondas de ansiedade — principalmente com respeito a independência e auto-suficiência total. Aos 14 êle emergiu da casca para apreciar a vida, ainda tropeçando em seus próprios pés e com ar patético e desajeitado. Agora êle está com 15 anos. Não se sente mais patético e já não se importa muito que as pessoas o considerem desajeitado. Tôda a sua atitude e procedimento parecem emitir uma única e gutural mensagem: “Saíam da frente, eu vou passar!”

Retrato de um garoto de 15 anos

Ao completar 15 anos, um rapazinho geralmente já atingiu 95 por cento de sua plena estatura. O júnior aprecia esta nova condição física. É comum arrancar a camisa para trabalhar no quintal, a fim de que os vizinhos possam ver que êle não é mais um menininho magricela. Se tiver inclinação esportiva, começará a comer, beber e dormir em termos de futebol, bola-aocêsto ou natação.

No entanto, o júnior ainda não atingiu sua melhor

aparência. Seus traços estão-se fortalecendo, mas o rosto continua pequeno demais para o dorso em desenvolvimento. Um pouco dos modos desajeitados dos 14 anos persistem em seus membros e no andar, e a acne talvez comprometa ainda sua boa aparência. Além disso, êle provavelmente continua tendo dificuldade para fazer o cabelo assentar. Por esta época a novidade de barbear-se terá deixado de existir e freqüentemente o júnior precisará ser lembrado de raspar a barbicha.

Quanto a sua disposição de ânimo, êste é o ano em que êle terá verdadeiramente os modos de um grosseirão. Nesta fase da rebeldia, um rapaz tende a se insurgir contra tôdas as formas de autoridade — particularmente quando os pais não se deram ao trabalho de mantê-la durante os anos anteriores. Essa resistência à autoridade será demonstrada em casa, na escola, na igreja e nos folguedos. O melhor antidoto para a declaração de guerra civil de um rapazinho é um pai com disposição de “trabalhá-lo”. Isto significa ter uma porção de conversas “de homem para homem”, fazer passeios juntos e estabelecer prêmios condicionais. Durante êste período um garoto precisa aprender algumas lições valiosas.

As relações pai — filho ficam freqüentemente estremecidas neste período, chegando mesmo a se romper, por causa da atitude do garoto para com a mãe. Durante os últimos dois anos êle talvez tenha estado muito “respondão” para ela. Agora, então, pode ficar manifestamente insolente. Pode até recorrer a linguagem forte e palavras pesadas, se achar que pode ficar impune. O pai, naturalmente, deve impedir que êle o faça, mas ao mesmo tempo não precisa considerar seu filho como um estranho que deliberadamente insul-

tasse sua espôsa. O rapaz é bem uma pessoa da família, que vê na mãe o símbolo da restrição — eis por que arremete-se contra ela. Mais tarde êle recordará suas palavras enraivecidas e seus maus modos com grande arrependimento e provavelmente dirá à mãe que sempre gostou dela: mas neste período particular, o amor raramente aparece.

Teria sido útil ao garôto de 15 anos que seu pai tivesse começado a “trabalhá-lo” muito antes. Já aos 11 anos o moleque principia a afastar-se de sua mãe para procurar a atenção e orientação do pai. Êste poderá então, com jeito, ir propiciando amor e disciplina lado a lado. O garôto cujo pai reconhece a necessidade de desenvolver êste equilíbrio na vida de seu filho é realmente afortunado. Na verdade, pais como esse às vêzes vêem seu rapaz atravessar os obstáculos dos quinze anos a pleno galope e ficam a cogitar por que outros pais teriam tantos problemas.

— Talvez a combinação “amor e disciplina” seja a interpretação de um interessante versículo bíblico que diz que eventualmente a terra gozaria um período de mil anos de paz denominado “Milênio”, durante o qual as crianças cresceriam “como os novilhos do cevadouro”. (Mal. 4:2.) Talvez seja esta a forma profética de descrever os filhos que recebem uma feliz combinação de amor e disciplina em sua criação. Muitos pais já conseguiram harmonia no lar aplicando esta fórmula.

Como a mãe vê seu filho de 15 anos

Existem muitas coisas num garôto de 15 anos que são por vêzes difíceis de uma mãe compreender. Tome-se como exemplo sua tentativa de entabular o tipo mais casual de conversação:

“Olá, filho.”

“Oi.”

“Foi bem de aula?”

“Fui.”

“Aconteceu alguma coisa interessante?”

“Não.”

“Tem alguma tarefa para fazer hoje à noite?”

“Hum-hum.”

“Fêz educação física hoje?”

“Não.”

“Onde vai indo agora?”

“No João.”

“Não se esqueça da hora do jantar, hem?”

“Hum-hum.”

E o júnior afasta-se pela porta dando a impressão de que gostaria de dizer mais, mas, como poderia provocar discussão, condescendeu em controlar-se.

Êste é um ano de desenvolvimento cheio de “luas”, por vêzes rudes e irritadiças. Mesmo o garôto mais normal tem a tendência de ficar sonhador, apático, preocupado e introvertido. Ê provável que responda em tom contido e baixo e resmungue monossílabos guturais. Não admira que a mãe acabe às beiras da loucura. Na verdade, se um rapzinho perceber que está irritando sua mãe até os limites do auto-contrôle terá isso em conta de vitória. De certa forma êsse fato o faz sentir-se grande. Ê fácil perceber por que as relações entre mãe e filho nunca serão mais fracas do que durante a meia-adolescência.

Na escola é comum os professores referirem-se desalentados aos seus alunos de 15 anos. Suas notas baixas podem ser conseqüência de dispersão de interesses,

padrão de vida irregular, televisão demais ou muitos passeios à noite. Uma vez que esta é a época da oposição à autoridade e disciplina, o garôto de 15 anos pode também ser avesso à escola apenas pelo que ela representa. Os alunos acham que os professores os “odeiam”, são sarcásticos, dão notas injustas e querem que os rapazes se sintam humilhados. A maioria dos pais simplesmente mantêm a pressão num nível saudável até passar a tormenta.

Importância da atitude dos adultos

A despeito de sua conduta estranha, um garôto de 15 anos está genuinamente preocupado com o que as pessoas possam pensar dêle. Tem sede de aparecer e inclina-se a representar qualquer papel que seus pais, mestres ou a sociedade lhe atribuam. Assim sendo, um delinqüente juvenil pode ostentar seu estigma com o mesmo orgulho com que outro usa a medalha de melhor aluno. Por isso, a atitude dos pais precisa ser tão positiva e esperançosa quanto as circunstâncias permitam. O mesmo é necessário na escola. Afirmam os peritos que é melhor “aumentar” as qualidades de um garôto, mesmo quando está sendo punido por alguma delinqüência. Se os jornais ou o corpo docente começarem a comentar os êrros de um rapzinho, êle descobrirá que isso atrai sôbre êle uma atenção especial que nunca teve antes, o que lhe poderá dar uma impressão de importância. Naturalmente, quando um adolescente tem inúmeras oportunidades de se corrigir e emendar, e permanece inteiramente impermeável, uma boa exposição à indignação da comunidade pode dar resultado. Contudo, nos casos fortuitos, quanto menos publicidade melhor.

Mas o júnior não só é capaz de absorver a opinião de seus pais e professores a respeito de si mesmo, como também seu conceito da vida. Por exemplo, um pai que pede para seus filhos verem se não há guarda por perto, para cometer uma infração, não poderá se queixar por ouvir alguns anos depois, quando houver qualquer problema de excesso de velocidade: “Eu prestei atenção, mas não sei de inde surgiu êsse guarda.” O pai poderá se lembrar de ter dito mais ou menos a mesma coisa, porque foi com êle que o garôto aprendeu a burlar a lei.

Além disso, adota também a atitude de seu pai com relação a outras coisas — imoralidade, cigarros, bebida, jôgo ou desonestidade nos negócios. E inclina-se a refletir sua atitude negativa com relação ao serviço militar, pagamento de impostos ou trato com vizinhos.

Um garôto também pode aprender com sua mãe a empregar recursos excusos para fugir a situações desagradáveis. “Vá à porta e diga ao homem que a mamãe não está em casa.” Ou, após uma viagem de recreio muito prolongada, a mãe escreve uma notinha para a professora — “O júnior esteve doente.”

Na verdade, as atitudes paternas são importantes. Tendo já tratado dos problemas e complicações de um rapzinho de 15 anos, que vive desenfreadamente, incluiremos lembrando que existem muitos momentos agradáveis de permeio, que refletem as brilhantes possibilidades do futuro homem. Algumas delas começarão a ser realidade permanente à medida que êle avança para uma nova fase de desenvolvimento, nos seus 16 anos.

5. Ele o ajudará a ser mais perfeito.
6. Embora pequeno, nele cabem coisas maiores do que ele.
3. *A procura de um tesouro espiritual*

Anuncie que a próxima brincadeira será uma caçada ao tesouro espiritual.

Prepare, com a ajuda da família, 22 pedaços de papel de 3x5 cm cada um. Divida-os em duas pilhas; os mesmos formarão as pilhas A e B. Divida a família em dois grupos, que você considera de igual habilidade. Pelo menos uma pessoa em cada grupo deverá saber ler. Se todas as crianças estiverem em idade pré-escolar, é necessário jogar com elas.

Numere os papéis de ambas as pilhas. Depois disso, reúna-se com a turma A em um lugar onde os outros não possam ouvi-los e escolha com eles uma sentença a ser usada. A mesma deverá ter onze palavras. Suponhamos que a frase seja, "Nosso Pai Celestial nos ama e o demonstra de muitas maneiras." Marque a palavra "Nosso" no papel n.º 1 e assim por diante. Depois repita o processo com a turma B, escolhendo, naturalmente, outra frase. O tesouro espiritual será o conteúdo da frase, a qual deverá trazer alguma mensagem à família.

Quando tudo isso estiver preparado, o grupo A deverá deixar a sala, enquanto o grupo B esconde (em baixo do tapete, atrás da poltrona, etc.) os seus papéis. Depois entra o grupo A e começa a procurar. A pessoa que fizer mais pontos será a vencedora do grupo. O número de pontos será o que estiver marcado nos papéis. Outra coisa a ser lembrada, é que o tempo que esse grupo levar para achar a frase toda deverá ser cronometrado. Após saber-se quem foi o vencedor do grupo A -se houver empate no número de pontos, o vencedor será o que achou o papel primeiro), repete-se o processo com o grupo B.

Como a caçada foi cronometrada, o grupo vencedor será o que achar a sentença mais rapidamente. O vencedor de cada grupo deverá ler a frase inteira para a família.

desenho feito por.

FAMÍLIA:

DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

1.ª semana de Junho

Hino: "De que rumo vêm os homens", n.º 91.

Oração:

Lição: Período de Atividade Familiar

Hino: "Que firme alicerce", 149.

Oração:

4

Noite Familiar-1

Naquela época, os soldados romanos dominavam a Palestina e eram odiados pelo povo. Com frequência um soldado ordenava a um cidadão que carregasse seu pesado equipamento por longo tempo e a pessoa tinha de obedecer. Vocês já imaginaram o que pensou o povo quando Jesus disse as palavras acima? Jesus não quis dizer que o povo carregasse o equipamento dos romanos por duas milhas, mas foi o modo de se expressar para que usassem seu livre arbítrio fazendo mais do que o ordenado — mais do que os outros teriam direito de pedir. Para complementar este tópico, leiam Mt. 5:39-42. Jesus, durante sua vida, fez mais do que o exigido dele e no fim deu sua vida por nós. Leiam João 10:17-18.

7. Como aprender a usar o livre arbítrio

Pergunte: no lar fazemos apenas coisas essenciais e obrigatórias? De que modo uma pessoa lavaria os pratos se estivesse sendo obrigada? Durante esta semana os familiares deverão propor-se a fazer pequenas tarefas sem que sejam solicitados; procurar fazer pequenas gentilezas uns aos outros. Para que a designação seja executada com mais animação, crie o "Clube da Segunda Milha": Para tanto, arranje alguns cartões e escreva:

Clube da Segunda Milha

Certificado

..... é membro deste clube é, de acordo com as possibilidades, fará suas designações sem que precise ser lembrado e tentará fazer alguma gentileza não exigida.

.....
(ass. do pai)

O certificado poderá ser carregado no bolso ou colocado no quadro da pessoa. Os adultos também deverão participar. Os pais cujos filhos estão casados, poderão fazer surpresas e gentilezas um para o outro e também para netos, amigos, vizinhos, etc.

desenho feito por.

FAMÍLIA:

DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

2.ª semana de Junho

Hino: "A alma é livre," 72.

Oração:

Poesia: Sobre tema caipira.

Lição: O Pai Celestial os deu livre arbítrio para agirmos sabiamente.

Objetivo: Inspirar os membros da família a usarem o livre arbítrio,

Memorização: D&C 53:27-29.

Atividade: Dar uma volta pelo quarteirão.

Hino: "Doce é o trabalho." n.º 125.

Oração:

Lanche: Pinhão cozido.

4

Noite Familiar-2

A família deverá ser avisada com antecedência de que esta noite familiar é de natureza recreativa. Deixe as crianças na expectativa de uma noite feliz.

A seguir sugerimos vários jogos que poderão ser feitos. Se não quiserem experimentar todos, joguem os que mais agradarem. Se os jogos aqui apresentados lembrarem outros que já conhecerem use esses em lugar dos sugeridos por nós. O importante é que todos tenham oportunidade de participar e divertir-se. Não se esqueça, entretanto, de que os jogos serão melhor aproveitados se ensinarem princípios relacionados com as lições que têm estudado juntos. Sugestões:

1. O programa de rádio ou televisão

Sua família pode passar bons momentos ao participar de uma noite familiar como se esta fosse um programa de rádio ou de televisão. Vocês poderão imaginar que estão realizando uma festa no lar, na qual todos os membros da família tomarão parte. A transmissão será para uma audiência imaginária. (Poderão, se o desejarem, convidar os avós ou vizinhos para terem uma audiência real ou para participarem da transmissão, conforme o que mais lhes agradar.)

Os participantes terão um microfone de "faz de conta"; uma escova, uma colher, uma batadeira de claras ou outro qualquer utensílio de cozinha servirá para esse propósito.

O pai ou o membro mais velho da família, que tenha imaginação e entusiasmo, poderá ser convidado para ser o apresentador.

Este começará declarando que o programa é patrocinado e realizado pela família mais simpática do mundo. O pai poderá fazer a apresentação da esposa da seguinte forma: "Senhoras e senhores! Quero apresentar-lhes minha esposa, a única senhora João Cardoso. Como esposa ela é formidável; é uma das melhores cozinheiras deste país. Não é egoísta e contribui para tornar nosso lar igual ao céu. Eu a amo muito."

As apresentações poderão ser muito apreciadas, se forem ensaiadas com antecedência. Nessa ocasião toda a família deverá dar demonstrações de seus dotes musicais, vocálicos, humorísticos, etc. Os pais poderão ajudar os filhos pequenos na preparação de seus números.

2. O que está na caixa?

Antes do início da hora familiar, arranje três caixas de

2

Noite Familiar-I

papêlo. Coloque em cada uma um objeto diferente. Por exemplo: numa delas coloque um retrato da família; uma régua de 20 cm, na outra e um espelho na terceira. O apresentador dará sete pistas para que adivinhem o nome dos objetos escondidos em cada caixa. O pai fará a marcação dos pontos e dará as pistas. É necessário que o nome de todos os participantes seja escrito em pedaços de papel.

Quando alguém julgar que sabe o nome do objeto que está sendo descrito, levantará a mão e o dirá ao pai em voz baixa, para não ser ouvido. Se estiver certo, o número correspondente ao da pista será escrito em seu papel. As adivinhações continuarão até que todas as pistas tenham sido dadas. No final, os números de cada pessoa serão somados e a que tiver menos pontos será a vencedora. As pistas poderão ser como as seguintes:

I — (A fotografia da família)

1. O que está aqui dentro é amado pelo Pai Celestial e também por você.
2. O que está aqui dentro veio do alto e sempre estará unido a você.
3. O que está aqui dentro tem laços, mas não renda.
4. Na hora das refeições os encontramos em lugares certos.
5. Continuam juntos, apesar da chuva, sol, mau tempo.
6. Cada um dos que estão aqui tem um nome.
7. A união do que está aqui depende muito de você.

II — (A régua)

1. O que está aqui dentro faz para uma linha o que os mandamentos podem fazer para a sua alma.
2. Medir uma alma, só Deus pode; isto, porém, pode ser usado para medir o homem.
3. O que está aqui dentro nunca mente.
4. Acha-se em quase todos os lugares, especialmente escolas, escritórios, lares.
5. Para fazer linhas, embora pequena, ela é realmente grande.
6. Se você estiver nervoso, ela começará a tremer em suas mãos.

III — (O espelho)

1. Olhe... e embora não goste, o que ele diz é verdade.
2. Algumas vezes chora e outras ri — depende de você.
3. O que procede dele é sempre verdade.
4. Quando ele é usado, as coisas se multiplicam.

Noite Familiar-I

3

Para conseguir este objetivo, você deverá ajudar a família a considerar o livre arbítrio, não como concessão, mas como um grande privilégio possibilitado pelo Pai Celestial. O sábio uso do livre arbítrio pode ajudá-los a progredirem, tornando-os melhores. O primeiro passo para essa realização é estimulá-los a usar o livre arbítrio como o Senhor ordenou, quando disse: "... fazer muito de sua própria e livre vontade e realizar muito bem." (D&C 58:27)

1. O significado de livre arbítrio

O pai deverá dizer: Tenho um plano: vou mostrar-lhes como tomar decisões importantes. De agora em diante escolherei as roupas de mamãe: quando Roberto sair como namorada, irei junto para ver onde vão; construirei os brinquedos de Paulo, para ver se funcionam bem e irei com ele à escola para dizer-lhe tudo o que deve fazer.

Pergunte: Como a família iria sentir-se com um projeto desses? Não haveria felicidade no lar e não teriam oportunidade de aprender por si próprios. As pessoas seriam como fantoches, que não conseguem fazer coisa alguma sozinhas. Assim agindo, o pai tiraria o livre arbítrio de toda a família.

2. O Pai Celestial! preservou nosso livre arbítrio

Apesar de a família estar acostumada com o livre arbítrio, é necessário que saiba como usar esse privilégio. A fim de conseguir isso, peça a um filho para dirigir este questionário; quase todas as respostas acham-se em PGV, Moisés 4:

- Quais os assuntos relativos à vida terrestre que foram discutidos lá, na reunião de conselho? Quem nos guiaria na vida mortal e nos ajudaria a retornar ao Pai, e de que forma isso seria realizado.

• - Quem disse, "Redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perca"? Satanás, vide Moisés 4:1.

- Quem disse, "Portanto, dá-me a tua honra"?

- Quem disse, "Faça-se a tua vontade"?

- Com que palavras o Pai rejeitou o plano de Satanás? "... ter-se rebelado contra mim e ter procurado destruir o livre arbítrio do homem."

Após o questionário, saliente que o plano de Satanás era errado por duas razões: 1.º desejou tirar o livre arbítrio do homem e 2.º desejou para si toda a glória do mundo. A proposta dele foi como a do pai que mencionamos há pouco. Você,

como pai, não pode desejar fazer tudo por seus filhos. Deve ajudá-los a tomar decisões enquanto são jovens, mas quando crescerem deverão agir por si próprios. Isto é o que o Pai Celestial tem efeito por seus filhos.

3. O livre arbítrio traz bênçãos, mas também traz problemas

O Pai compreendeu que haveria problemas quando nos desse o livre arbítrio. Sabia que quando tivéssemos de escolher, talvez o fizéssemos da maneira errada. Alguns escolhem guerras, outros assassinatos, roubos, mentiras, etc.

Assim sendo, por que o Pai nos deu o livre arbítrio, mesmo sabendo do resultado? Não seria melhor evitar todo esse sofrimento? (Deixe a família expressar seu ponto de vista; depois esclareça:)

- Se o Pai dirigisse nossas vidas como se fôssemos marionetes, se todos os nossos movimentos dependessem de sua vontade, não teríamos qualquer oportunidade e, no fim da vida, teríamos tanta maturidade espiritual quanto no começo.

- Dando-nos o livre arbítrio, o Pai mostrou seu amor por nós. Apesar de ficar bastante aflito quando abusamos desse privilégio, o Pai não deseja privar-nos dele.

4. Os mandamentos restringem o livre arbítrio?

Somos realmente livres, apesar de termos as leis na terra, normas do lar, da escola e os mandamentos do Senhor? (Deixe a família expressar sua opinião, depois continue:)

- Se todos agissem do modo que lhes agrada, ninguém teria liberdade.

- O nosso arbítrio possibilita-nos obedecer ou não; entretanto, devemos estar preparados para arcar com as responsabilidades, se resolvermos não obedecer.

- Quanto mais desobedecemos os mandamentos, menos livre arbítrio temos, pois mais nos aproximamos de Satanás.

5. Devemos fazer muitas coisas segundo a nossa vontade

A pesar de o Pai nos dar os mandamentos, cuja obediência é essencial para a nossa liberdade, Ele não deseja que o obedecemos meramente. As instruções que nos deu sobre o assunto acham-se em D&C 58:27-29. Peça para a família ler em voz alta, omitindo a última sentença do versículo 28.

6. Jesus nos ensinou o agir segundo nossa vontade

Jesus disse certa vez, "E se qualquer te obrigar a caminhar com ele uma minha, vai com ele duas." (Mt. 5:14)

- Sabendo que nossos pais nos amam e desejam nos ajudar, iremos até eles e falaremos a respeito dos nossos erros.

Os familiares deverão fazer um exame introspectivo, verificando alguma coisa que estejam fazendo errado e desejem abandonar. A seguinte lista os ajudará:

- Provocar rugas com os familiares.
- Enganar na escola ou no lar.
- Tratar algum familiar indelicadamente.
- Negligenciar a família para executar outras responsabilidades

Depois desse exame interior, deverão escrever o erro num pedaço de papel, como estímulo a que o abandonem. Poderão falar particularmente aos pais sobre esse erro, se o caso for de natureza pessoal. Outra coisa importantíssima é que deverão falar sobre o assunto também com o Pai Celestial.

Mantenha a designação ativa durante a semana, contando, durante o jantar, incidentes que surgirem com algum familiar que já aprendeu sua lição. Um bom exemplo é a história de Pedro, que negou conhecer a Jesus e depois chorou amargamente. É provável que a memória dessa experiência tenha ajudado Pedro a dizer isto, quando o sumo-sacerdote o advertiu para que não pregasse em nome de Cristo: "Devemos obedecer a Deus e não aos homens."

Quando um filho vier falar sobre um erro que está sinceramente tentando sobrepujar, você precisa fazer o possível para ajudá-lo. Ele necessita da força e determinação que seu amor e confiança lhe transmitirão. Se você se mostrar chocado ou desapontado, anulará a determinação dele de sobrepujar o erro. Isso também poderá fazer com que deixe de confiar em você no futuro.

Arranje alguma vasilha ou mesmo caixa com 4 a 6 cm de abertura. Dê a cada familiar 15 feijões. Cada qual tentará jogar um grão de feijão por vez na abertura. A pessoa deverá ficar em pé, a 5 passos de distância da vasilha (as crianças pequenas poderão ter alguma vantagem, ficando, por exemplo, a dois ou três passos de distância). O que conseguir jogar mais feijões no recipiente será o vencedor. Depois do jogo, faça a seguinte observação: Cada vez que a pessoa errava a abertura ao jogar o feijão, na outra rodada mirava com mais cuidado.

Assim é com os nossos erros. Se mirarmos bem, não mais os repetiremos.

4 **Noite Familiar-3**

desenho feito por:

FAMÍLIA:

DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

3.ª semana de Junho

Hino: "Tudo é belo em derredor, n.º 124."

Oração:

Número Musical: Sobre tema caipira.

Lição: Através dos erros aprendemos a fazer escolhas acertadas.

Objetivo: Inspirar os familiares a tirar lições de seus erros.

Memorização: I João 1:8.

Atividade: O pai ou mãe contará histórias sertanejas.

Hino: "Para sempre exaltai," n.º 77.

Oração:

Lanche: Cangica.

semana, antes de irem para a cama, verificando qual frase está de acordo com o seu comportamento. Se possível, cada um deverá ter uma cópia das mesmas, para colocá-las em seu quarto. Antes de dizer as frases, faça esta explicação:

"Se qualquer das duas frases A servir para a pessoa, esta deverá tentar fazer melhor uso do arrependimento no dia seguinte e agradecer ao Pai Celestial por Ele ser tão bom e amoroso, que nos dá uma segunda oportunidade.

Se as frases B forem as mais apropriadas, isto demonstra que a pessoa está aprendendo a usar o arrependimento, sendo que todas as bênçãos decorrentes desse dom lhe serão dadas".

Admitindo erros

A. Eu não admiti que estava errado — apesar de saber que estava.

B. Tive a coragem de, pelo menos uma vez, admitir que estava errado.

Sobrepujando erros

A. Não consigo achar um modo de melhorar minhas ações.
B. Pelo menos uma vez deixei de fazer o errado para fazer o certo.

Relembre à família para agradecer o Pai Celestial, pois Ele nos ama tanto, que tornou possível nos arrependermos e nos livrarmos das nossas faltas e erros.

Essa brincadeira visa divertir e ao mesmo tempo mostrar aos membros da família que progridem quando dizem. "Cometi um erro".

Um familiar será escolhido para deixar a sala. Os outros escolherão um objeto qualquer, cujo nome deverá ser "adivinhado" por quem está lá fora. Quando a pessoa voltar, devem perguntar o tamanho, cor, forma, etc., do objeto, sem contudo dizer-lhe o nome. Se na terceira tentativa a pessoa ainda não acertou, deve dizer, "cometi um erro." Dizendo esta senha, a família lhe dará uma pista, até que adivinhe o que é. O jogo poderá ser repetido quantas vezes quiserem.

O objetivo do jogo como, dissemos acima, é salientar a idéia de que dizer "cometi um erro" traz benefícios que representam um passo dado pela pessoa em prol de seu desenvolvimento espiritual. Neste caso, por exemplo, os benefícios são as pistas dadas pela família, que tenta ajudar o "adivinhador".

desenho feito por

FAMÍLIA:

DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

4.ª semana de Junho

Hino: "À glória nós iremos," n.º 158.

Oração:

Lição: O arrependimento: uma evidência do amor do pai Celestial.

Objetivo: Ajudar a família a fazer mais uso do arrependimento, reconhecendo que o mesmo a uma evidência do amor do Pai Celestial.

Esquete: Ainda sobre tema caipira.

Memorização: Rom. 2:4.

Atividade: Dançar quadrilha.

Hino: "Dá-nos tu, o Pai bondoso," n.º 79.

Oração:

Lanche: Pizza com guaraná.

Inicie a lição dizendo que o Pai Celestial não se volta contra nós quando cometemos erros, apesar de não apreciar nossa atitude. Ele continua a nos amar e deseja guiá-nos para que crescamos e nos desenvolvamos.

Durante a semana você teve a oportunidade de verificar quem realmente tentou andar a segunda milha por vontade própria. É provável que cada qual tenha tido sucesso em algumas coisas e falhado em outras. Mencione um incidente qualquer ocorrido nesse ínterim, onde um familiar caminhou a segunda milha quando teve pela frente uma tarefa difícil de executar.

Depois deixe cada um expressar como se sentiu quando fez coisas acertadas segundo sua própria vontade e qual o sentimento que teve quando fez algo errado.

1. *Todos erramos, mas devemos esforçar-nos para fazer somente o certo*

Peça a um familiar para ler I João 1:8 e depois explicar o que significa. Esclareça que ainda não somos perfeitos e por isso erramos algumas vezes.

Escreva num papel ou gráfico: "Fazemos escolhas erradas algumas vezes." Parece ser mais fácil fazermos o errado em vez do certo. Use qualquer incidente ocorrido na família para ilustrar melhor esse ponto.

O Pai nos enviou à terra a fim de progredirmos e nos aperfeiçoarmos gradualmente, até nos tornarmos como Ele.

2. *Aprendendo através dos erros*

Quando erramos, podemos ser conduzidos a repetir o erro ou a não fazê-lo mais. Isso depende da atitude da pessoa. Na maioria das vezes, um erro torna-se o degrau que subimos na escada da experiência e podemos a fazer coisas certas. Conte histórias ocorridas em sua família, que ilustrem esse ponto mais efetivamente.

3. *O Pai nos ama quando fazemos coisas erradas?*

A seguinte história demonstra como o Pai continua a amar as pessoas que cometem erros e deseja vê-las arrependidas e de volta a Ele:

Muitos anos atrás, viviam na cidade de Nínive cerca de 120 mil pessoas. Como não tinham aprendido lição nenhuma dos erros praticados, estas as conduziram a pecados maiores. Apesar disso o Senhor as amava e desejava ajudá-las. Assim, enviou o profeta Jonas para exortá-las a viver os mandamentos.

2 Noite Familiar-3

Jonas lhes transmitiu o que foi ordenado pelo Pai, dizendo que se não ouvissem a admoestação, seriam destruídas dentro de quatro dias. As pessoas acreditaram em Jonas. O rei promulgou um decreto, obrigando todos a jejuar, abandonar os maus caminhos e "clamar fortemente a Deus". Todos obedeceram e isso agradou a Deus; como seus filhos comessem a viver em retidão, a cidade não foi destruída.

Relembre a família sobre as histórias que Jesus contava para mostrar que o Pai continua a nos amar, apesar de cometer erros. Peça para abrirem a Bíblia em Lucas 15; antes de lerem, explique o seguinte: os publicanos e pecadores aproximaram-se de Jesus para ouvir seu discurso. Os publicanos não eram apreciados pelo povo porque coletavam impostos e suspeitava-se de sua honestidade. Os fariseus e escribas, que se julgavam justos e superiores diziam de Jesus, "este recebe pecadores e come com eles." Então Jesus contou-lhes uma história (Leia Lucas 15:4-7). Isso nos ensina a respeito do amor do Pai. Escreva no gráfico. "O Pai nos ama, mesmo quando agimos errado."

4. *Somos perdoados do erro cometido somente quando paramos de fazê-lo*

Certifique-se de que os familiares compreenderam que o júbilo dos céus pela ovelha perdida não sugere que é melhor pecar do que não fazê-lo. Isto somente significa que o amor do Pai alcança o pecador e o traz de volta. se este paga o preço.

Outra razão para o júbilo é que o pecador não pode ser aceito no reino de Deus enquanto continuar praticando o mal. Escreva no gráfico: "O perdão vem somente quando paramos de cometer erros."

Certa vez o Pres. Marion D. Hanks disse a um grande grupo de Cavalheiros e Ceifeiras: "Vocês podem limitar o poder de Deus para abençoá-los, não podem, entretanto, limitar seu amor. Ele está ansiando pelo seu sucesso. Todas as suas forças estão empenhadas em ajudá-los a voltar a Ele." (Church News, 24-4-65, p. 6)

5. *Estamos tentando aprender através dos erros*

Peça aos familiares que, um por vez, leiam e expliquem as sentenças marcadas no gráfico. Depois disso feito, pergunte: Como poderemos aprender através dos nossos erros? Eis algumas sugestões:

- Continuaremos tentando caminhar a segunda milha.
Noite Familiar-3 3

Durante esta lição, você terá oportunidade de ensinar aos familiares, que o arrependimento traz muitas bênçãos para suas vidas. Faça-os compreender que o Pai possibilitou-nos o arrependimento de nossos pecados porque nos ama.

Se a família constituir-se de várias crianças, não mencione a palavra "arrependimento"; deixe que elas a descubram sozinhas. Para tanto, faça 14 traçinhos num papel e vá perguntando a cada qual uma letra, até que a palavra esteja formada (Este jogo é uma variação da "fôrca".)

1. *O significado de "arrependimento"*

Peça a todos que fiquem de pé e ouçam cuidadosamente, porque irá dar-lhes um mandamento; para avisarem que podem executá-lo, deverão mover os pés. Diga, "arrepender-se;" eles ficarão embaraçados, pois não compreenderão direito. Explique que vai pedir a mesma coisa de modo diferente; diga, "dêem meia-volta." Com certeza, dessa vez eles entenderão.

Tudo isso foi feito a fim de que entendam que a palavra "arrependimento" significa "dar meia-volta." No original grego, em cuja língua o Novo Testamento foi escrito, com frequência usava-se "meia-volta", querendo significar arrependimento.

Ressalte que "arrependimento" realmente significa que nós voltamos para o outro lado. Por exemplo, uma pessoa que tem o hábito de dizer mentiras deve mudar completamente seu modo de agir, (ou dar meia-volta), se estiver arrependida dessa fraqueza.

2. *O Pai Celestial possibilita-nos o arrependimento porque nos ama*

O Senhor planejou que viríamos à terra para progredir. Mas para conseguirmos isso, precisamos seguir seus mandamentos. Ele sabe que isso leva tempo; não conseguimos aprender a guardá-los de uma só vez. O Senhor nos ama e deseja nos ajudar a sobrepujar nossos erros; para tanto, possibilitou-nos o arrependimento.

O apóstolo Paulo disse, "A benignidade de Deus te leva ao arrependimento." (Rom. 2:4) Essa passagem expressa claramente que, devido à bondade do Pai, somos capazes de nos arrepender.

3. *O arrependimento traz bênçãos às nossas vidas.*

O Senhor deseja que tenhamos três importantes bênçãos, as quais somente vêm através do arrependimento:

a. Sobrepujar nossos pecados e ficarmos livres dele através do arrependimento. (Conte algum incidente que possa ilustrar esse ponto)

b. Através do arrependimento seremos perdoados do pecado que praticamos.

Escolha três pessoas para lerem as seguintes escrituras: Mosiah 26:29; Isaias 1:18 e Ezequiel 33:15-16. Depois de lidas, pergunte:

Cada uma dessas escrituras, oriunda dos livros-padrão da Igreja, ensinam a mesma coisa sobre o perdão dos pecados através do arrependimento? Qual a mensagem que os três versículos ensinam?

c. O arrependimento traz felicidade e vida eterna. Peça a um filho para ler Alma 22:15-16; se preferir, conte a história com suas próprias palavras. Depois disso feito, pergunte: O que o rei esperava ter de fazer para obter felicidade e vida eterna?

Ajude os familiares a aplicarem a mensagem apresentada por Aarão nessa passagem, em suas próprias vidas. Através do arrependimento o Pai possibilitou-nos:

A — as bênçãos que todos procuram, mas que ninguém pode comprar.

B — a maior de todas as bênçãos — viver com Ele em seu reino.

Que grande amor Ele tem para com cada um de nós!

4. *Como aprender a nos arrepender*

Vocês já deram um presente a alguém e essa pessoa o colocou de lado? Como se sentiram? Já deram um presente a alguém que o apreciou? O que sentiram?

Isso é mais ou menos o que acontece com o arrependimento: é um magnífico presente que o Senhor nos deu. A seguir, peça à família para ler as escrituras abaixo, as quais nos mostram que devemos fazer do arrependimento uma parte importante de nossa vida:

— Convidem ao rico, ao soberbo, aos humildes e aos pobres (D&C 11:9)

— O qual é o evangelho do arrependimento (D&C 84:27)

— Os pais são solenemente encarregados de ensinar a doutrina do arrependimento aos filhos (D&C 68:25)

Devido ser o arrependimento um dom maravilhoso, peça aos familiares para lerem as seguintes frases todas as noites desta

Tôda Mulher Sábua

Conselheira Louise W. Madsen

da Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro

em 28 de Setembro de 1966



“Tôda mulher sábua edifica a sua casa.” (Pv. 14:1). Se a casa é uma majestosa mansão ou uma choça, depende da mulher que a edifica. Se o alicerce é firme, as paredes fortes, o teto resistente contra os elementos, as janelas brilhantes e as portas sólidas para resistir ao mal de fora, então ela edifica bem.

A fé, primeiro princípio do evangelho, é o alicerce da casa que uma mulher sábua edifica para a sua alma. Segundo as escrituras, a fé é confiança implícita e plena segurança em Deus, seu ser, seus propósitos, suas palavras e mandamentos. Com tal fé tôda a dúvida é afastada, suplantada pela plena certeza e conhecimento da maneira como a vida deve ser conduzida.

A fé é um dom de Deus, dada àqueles que estão preparados para recebê-lo. É um dom tão precioso que não é conferido apenas por ser pedido, nem dado àqueles que não o pediram. A pergunta do Salvador a Pedro: “E vós, quem dizeis que eu sou?” foi respondida assim: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” (Mt. 16:15-16)

“E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bemaventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus.” (Mt. 16:17).

Que esta fé seja maior que o conhecimento é atestado pelo fato de que durante suas viagens Jesus foi freqüentemente abordado por pessoas possuídas por espíritos imundos que “vendo-o, prostravam-se diante dêle, e clamavam, dizendo: Tu és o

Filho de Deus.” (Mc. 3:11). O próprio Satã conhece, não obstante, com todo o seu conhecimento continua sendo Satã. Seu conhecimento não o impeliu à justiça, a obedecer os mandamentos do Senhor, a abandonar o mal. A fé é uma fôrça que impele, que conduz à ação. Êste poder motivador torna a fé maior que o conhecimento ou a crença, os quais são passivos.

Quão grandemente necessitamos proteção para os males da nossa época! A fé protege. Alma ensinou: “Vêdes também que esta é a verdadeira fé em Deus; sim, que Deus nos manterá, conservará e preservará enquanto fôrmos fiéis a êle, a nossa fé e religião; e nunca permitirão Senhor que sejamos destruídos, a não ser que pratiquemos transgressões e reneguemos a nossa fé.” (Alma 44:4).

A fé é um poder na oração. O anjo do Senhor que apareceu a Alma e aos filhos de Mosíah para efetuarem suas miraculosas conversões e disseram-lhes que o Senhor tinha ouvido as orações do seu povo e do velho Alma, porque tinham orado com muita fé. “Para êsse fim é que venho; para convencer-te do poder e autoridade de Deus, e para que as orações dos seus servos possam ser respondidas, de acôrdo com sua fé.” (Mosíah 27:14).

A fé é um poder no viver reto, “uma âncora para as almas dos homens, tornando-os firmes e inquebrantáveis, sempre produzindo boas obras e levando-os a glorificar a Deus.” (Êter 12:4) Aquêles que não têm fé sentem pouca obrigação

de obedecer e de viver em retidão.

Por que falamos de fé? Por que exortamos as irmãs a adquirirem maior fé? Por que empreendemos ensinar-lhes o significado da fé e a necessidade de edificarem recursos interiores que orientem as suas vidas? Porque estamos preocupadas em que cada mulher consiga exaltação. Porque nós na Sociedade de Socorro temos a responsabilidade de ensinar, exortar, persuadir e conduzir as irmãs com compaixão amistososa. Porque a Sociedade de Socorro existe para salvar almas, e para isso é necessária uma fé perfeita no Santíssimo, para a salvação no reino de Deus. A Sociedade de Socorro conta milhares e milhares de mulheres. Sua grandeza está na sua influência em cada mulher. “Nenhum é suficientemente sábua por si mesmo,” diz-nos Plauto. Nenhuma mulher tem tão grande sabedoria que não possa beneficiar-se com a ajuda das outras em fortalecer a sua fé.

“Tôda mulher sábua edifica a sua casa: mas a tôla derruba-a com as suas mãos.” (Pv. 14:1) Todo ato tôlo ou pecaminoso, tôda oportunidade de servir perdida, tôda fraqueza diante da tentação, tôda aceitação do mal é como se a mulher tôla deliberadamente enfraquecesse os alicerces da sua casa, removesse os tijolos das paredes, negligenciasse as goteiras no teto, sujasse as vidraças brilhantes e escancarasse as portas para o mal entrar. A casa que ela edifica, na qual a sua alma habitará é bela, firme e forte, ou não é nada disso, conforme a sua fé e as suas obras.

Foi-nos dito pelos Profetas de Deus que a obediência é a primeira lei do céu. Após a expulsão do nosso Pai Adão do Jardim do Éden, a escritura nos diz que nossa Mãe Eva invocou o nome do Senhor e ouviu a sua voz, que vindo da direção do Jardim do Éden, falava-lhes. (P.G.V., Moisés 5:4)

O Senhor instruiu aos nossos primeiros pais que deveriam adorar o Senhor seu Deus, e deviam obedecer a lei do sacrifício ofertando os primogênitos dos seus rebanhos. Adão, naquela ocasião, não compreendeu por que deveria obedecer esta lei, não obstante foi obediente ao mandamento do Senhor.

Foi-nos dito por Moisés que Adão ofereceu sacrifícios ao Senhor, e após muitos dias, um anjo do Senhor apareceu-lhe dizendo: "Por que ofereces sacrifícios ao Senhor?" E Adão respondeu: "Não sei, exceto que o Senhor me mandou." (P.G.V. Moisés 5:6-11)

Aqui está um perfeito modelo para todos os filhos e filhas de Deus seguirem. Adão prestou completa obediência ao seu Pai Celestial, sem tentar ter um conhecimento perfeito no princípio, mas fazendo aquilo que tinha sido solicitado fazer. Sabia que seu Pai Celestial o amava e não lhe daria mandamentos senão para seu benefício e bênção de sua posteridade.

Através das escrituras somos constantemente lembrados pelas declarações proféticas, que Deus ama aqueles que são obedientes as leis e ordenanças do evangelho. Moisés agiu semelhante a Deus para com os filhos de Israel e ensinou-lhes os estatutos e os juízos que teriam purgado e purificado os israelitas enquanto atravessavam o deserto e feito deles uma poderosa nação. Disse o profeta Moisés: "Eis que hoje ponho diante de vós a bênção e a maldição: A bênção, quando ouvirdes os mandamentos do Senhor vosso Deus, que hoje vos mando; Porém a maldição, se não ouvirdes os mandamentos do vosso Deus, e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguides a outros deuses que não conhecestes." (Dt. 11:26-28)

Josué, o sucessor de Moisés como profeta para os israelitas, advertiu à nação que o Senhor tinha-lhes dado uma terra em que não haviam trabalhado, cidades que não haviam edificado, vinhas, e olivais que não haviam plantado. Então disse-lhes: "Escolhei hoje a quem sirvais." (Josué 24:13-15) Aqui o profeta exortava o povo a ser obediente à verdade. Escolher servir ao Senhor e guardar os seus mandamentos.

Após Saul ter sido escolhido para ser o primeiro rei de Israel e ter-se desviado dos caminhos da justiça e da verdade, Samuel, o profeta argumentou com ele e buscou voltar o seu espírito à obediência às Leis de Deus. Declarou: "Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios como em que se obedeça à palavra do Senhor? eis que obedecer é melhor do que sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros." (I Sm. 15:22)

Descrevendo a vida do Salvador, Paulo, o Apóstolo,



Obediência - Cha

*Nesta terceira discussão de um
tudo um importante a*

tolo, admoestou os santos a obedecerem as leis e os princípios da verdade, dizendo: "Mesmo sendo o Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu." (Hb. 5:8)*

Mesmo em nossos dias o Senhor tornou a falar através dos profetas exortando aos seus santos, que haviam feito um convênio com ele, a obedecerem sua voz, guardarem seus mandamentos e serem diligentes em guardarem suas leis. Disse: "Eu, o Senhor estou, obrigado quando fazeis o que digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C. 82:10)

No ano de 1843, o Senhor declarou em termos positivos que se tivéssemos que obter sabedoria e inteligência nesta vida, elas viriam através da nossa diligência e obediência. Continuou dizendo que se obtivéssemos uma bênção de Deus, ela se deveria à nossa obediência às leis que o Senhor nos dera. (D&C 130:18-2)

Na primeira secção de *Doutrina e Convênios*, que o Senhor deu ao Profeta Joseph Smith como prefácio ao livro de mandamentos e revelações, dado para a edificação da Igreja e do Reino de Deus, lemos estas palavras: "E o braço do Senhor se manifestará; e se aproxima o dia em que aqueles que não ouvirem a voz do Senhor, nem a de seus servos, nem atenderem às palavras dos profetas e apóstolos, serão desarraigados

*A atribuição da Epístola aos Hebreus à autoria de Paulo, o Apóstolo, é de responsabilidade do autor deste artigo; uma vez que há discussão em torno do assunto. (NT)



ve da Salvação

série sobre Genealogia é tra-
recto da natureza divina.

de entre os povos.” (D&C 1:14) Na conclusão deste documento revelado o Senhor disse: “Seja pela minha própria voz ou pela de meus servos, não importa.” (D&C 1:38)

Tal como foi declarado em lições anteriores o propósito de Deus em criar a terra e colocar os seus filhos sobre a sua face foi dar-nos: 1) a oportunidade de ter um tabernáculo mortal; 2) provar-nos ao caminhar pela fé e não pela evidência, e 3) abrirmos nosso caminho de volta à presença de Nosso Pai Celestial para habitarmos com ele no reino celestial da glória com um corpo ressurecto. Isto fazemos sendo obedientes às leis da glória celestial, leis essas que são as da sua Igreja, reveladas na dispensação da plenitude dos tempos, a qual ora gozamos. (D&C 112:30)

Somos também abençoados hoje com um profeta vivo de Deus, a quem o Senhor revela suas intenções e seus desejos para bênção dos seus filhos. Se obedecer-mos sua voz, o Senhor promete que herdaremos as bênçãos associadas aos mandamentos.

Citemos uma declaração feita por um profeta vivo de Deus. O Presidente David O. McKay disse: “Uma das mais importantes fases da atividade do evangelho está associada aos templos. O trabalho vicário no templo é inteiramente dependente de pesquisa genealógica inteligente e constante. A pesquisa genealógica não é apenas uma função do sacerdócio, mas também uma responsabilidade de cada família.

Quando conscienciosamente realizada, contribui para a unidade do lar e nos permite apanhar uma visão da natureza divina. Portanto, trabalhem com todo o nosso poder, nós povo da Igreja, para nos qualificarmos como salvadores no Monte Sião.”

Para que possamos ser achados obedientes à voz do Senhor, através dos seus servos os profetas, devemos nos esforçar com todo o nosso poder para fazer o que nos é pedido, pertinente à nossa salvação eterna. Agora que nos tornamos membros da Igreja de Jesus Cristo das Santos dos Últimos Dias, devemos avançar em toda retidão, partilhando o evangelho com os outros tal como foi-nos mandado fazer, e buscarmos nos salvar e aos nossos parentes mortos, participando nos gloriosos privilégios da Igreja restaurada. Joseph Smith, o Profeta, disse que o sacerdócio e os seus ofícios são-nos concedidos através da Igreja organizada, para que possamos estar qualificados a pregar o evangelho às nações. Esta é a maior responsabilidade da Igreja. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pg. 109; *Doutrinas de Salvação*. Pres. Joseph F. Smith, Vol. 2, pag. 146)

O Profeta Joseph Smith também afirmou que a maior responsabilidade individual que temos é buscar os nossos parentes mortos. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, paf. 356) Recebido este ensinamento, sabendo que como membro da Igreja é minha solene obrigação e privilégio pregar o evangelho aos meus amigos e conhecidos, e assisti-los em receber a mesma alegria e felicidade que recebi, não deveria eu ser obediente ao restante deste mandamento e salvar meus parentes mortos? Conhecendo o mandamento de Deus quanto a eu ser selado no templo do Senhor e ter os meus filhos selados a mim no novo e eterno convênio do casamento, não deveria eu esforçar-me com o melhor da minha habilidade e circunstâncias para obedecer este mandamento? E após ter feito isso por mim mesmo e pela minha família, não deveria eu assistir os meus ancestrais? O evangelho está sendo pregado a eles por missionários no mundo espiritual. O trabalho está sendo realizado lá tanto quanto aqui, com a exceção de que há certas ordenanças que devem ser realizadas na mortalidade para que assim eles possam aceitar na ressurreição as mesmas bênçãos que Deus nos ofereceu atualmente aqui. Serei obediente ao meu Pai Celestial e lembrar-me-ei dos meus parentes mortos! Para que obtemos as bênçãos para nós mesmos precisamos de ser obedientes a todos os mandamentos. Portanto esforçemo-nos por fazer o nosso trabalho de pesquisa para que assim possamos identificar os membros da nossa família já falecidos e dar-lhes as mesmas oportunidades que temos. Tal como disse o Senhor aos primeiros santos desta dispensação: “Pois se desejais que eu vos dê um lugar no mundo celestial, deveis preparar-vos fazendo as coisas que mandei e exigí de vós.” (D&C) 78:7).



Ilustração de Richard Brown.

O Que Estamos Esperando?

Richard L. Evans

— *Algumas vezes parece* que vivemos como se nos perguntássemos quando a vida irá começar. Não está sempre claro o que estamos esperando, mas alguns de nós algumas vezes persistimos em esperar tanto que a vida nos escapole — deixando-nos a esperar por algo que já se foi há muito tempo. Há pais esperando por uma ocasião melhor para terem mais intimidade com os seus filhos, talvez até que outras obrigações sejam menos exigentes. Mas um dia destes os filhos estarão crescidos e já se terão ido, e os melhores anos para conhecê-los, para apreciá-los, ensiná-los e compreendê-los também ter-se-ão ido. Há mães que tencionam sinceramente, logo que puderem, dar mais atenção aos planos e problemas das suas filhas, e que pretendem ser mais dadas. . . Mas o tempo passa e os filhos crescem e se afastam. Há velhos amigos que vão apreciar-se um ao outro um pouco mais, mas os anos se passam. Há maridos que pretendem ser mais compreensivos, mais atenciosos. Mas o tempo, sozinho, não aproxima as pessoas. Há homens que pretendem abandonar os maus hábitos; há pessoas que tencionam alimentar-se com mais sabedoria; há aqueles que têm intenção de viver dentro dos seus meios — dentro de algum tempo mais. Há aqueles que vão tomar interesse pelo seu governo. Mas quando? Não há razão para duvidar dessas boas intenções, mas quando é que vamos viver neste mundo como se compreendêssemos que *esta é a vida*? Esta é a nossa vez, o nosso dia, a nossa geração. Os céus e o porvir terão as suas próprias oportunidades e obrigações. Esta é a vida na qual o trabalho desta vida deve ser feito. Hoje é tão parte da eternidade como qualquer outro dia, milhares de anos atrás ou milhares de anos à frente. Assim é, estamos emocionados ou desapontados, ocupados ou enfadados! Esta é a vida, e está se escoando. O que estamos esperando?

Vamos Fazer Um “Sachê” Para Mamãe

Beverly G. McGuire

Vamos fazer um “sachê” de presente para mamãe neste ano! Um sachê de laranja e cravo pendurado no seu armário é perfumado e repele traças.

Use uma laranja pequena de casca fina. Espalhe os cravos sôbre uma fôlha de papel manteiga. Use sômente cravos com cabeças.

Fure a casca da laranja com uma agulha grossa. Espete os cravos nos buracos de modo que as cabeças formem um desenho.

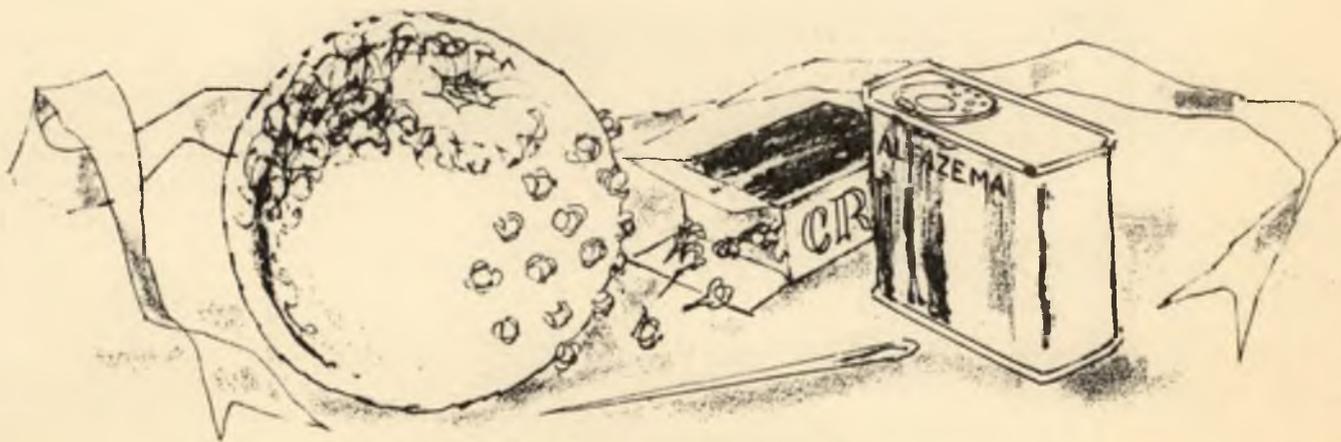
A casca da laranja poderá rachar se os cravos forem espetados muito juntos ou em linha reta. A casca cicatrizará em poucos dias, mas já não estará tão bonita.

Coloque a laranja coberta de cravos numa tijela funda. Borrife com canela ou com uma colher de chá de alfazema até que esteja bem coberta.

Agora envolva a sua laranja num pedaço de gaze ou de tela de nylon e amarre cuidadosamente. Deixe um laço para pendurar. Pendure o seu sachê num lugar morno e sêco para curar. Deixe secar de três a seis semanas.

A casca da laranja encolherá durante o processo de curamento e não aparecerá.

Pequenas maçãs poderão ser usadas em lugar da laranja, caso assim fôr desejado.



“Lá nos Cumes”

Alexander Schreiner

Hino para a Escola Dominical Sênior para o mês de Julho

HINO: “Lá nos cumes”; autor, John Thomas Kelly; compositor, A. C. Smyth; *Hinos — Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, n.º 75.

O autor deste maravilhoso hino não era um santo dos últimos dias; nasceu muito cedo. As montanhas que conheceu foram as colinas da Irlanda esmeraldina do século dezoito. Escreveu mais de 700 fervorosos hinos proclamando a esperança do dia resplandecente, quando os propósitos do Senhor seriam revelados antes do alvorecer da grande manhã do milênio. Que vidente poético ele era! Que ansiedade e expectativa pela Sião de Deus nos últimos dias ele deve ter sentido! Parece mesmo que o juiz Kelly teve apresentação prévia da revelação do Senhor: “Sião florescerá sobre montes e nas montanhas se regozijará. . .” (D&C 49:25)

Ao Regente:

Tanto você quanto eu sabemos muito bem que estamos vivendo hoje com a “obra maravilhosa e um asombro” ao alcance das mãos. O que estamos esperando? Não nos deixemos repousar cantando num baixo murmurante. Estamos cantando um hino ao Altíssimo; e a mensagem está nas palavras, não na música. Devemos cantar esta mensagem com orgulho em nossos corações, com ação de graças e com espírito militante.

Estão as mulheres cantando em contralto por ser mais fácil e menos esforçado? Deveriam considerar a glória do próprio hino, e prazerosamente esqueceriam

os atavios musicais que o acompanham. Desejarão cantar a mensagem com toda a potência das suas vozes. Esta melodia não é alta demais para ninguém.

John Thomas Kelly meramente olhou esperançosamente para os dias de hoje. E nós os estamos vivendo, e sabemos disso além de qualquer dúvida. Por isso “Erguei-vos, homens de Deus! Deixai de lado as coisas menores. E ponde-vos de coração, mente e força a servir o Rei dos Reis.”

Nosso irmão A. C. Smith escreveu esta excitante música. Serviu bem a Igreja em vários ofícios, inclusive como escrivão do templo de Manti.

Ao Organista:

Utilize um tom bem forte sem o *tremolo*. O tempo não necessita ser nem rápido nem vagaroso. Deve ser médio, firme e controlado, sem divagação ou pausa no estilo. Toque *legato* continuamente.

A única ligeira dificuldade está nos compassos 11 e 12 onde o tenor deve ser tocado com a mão direita.

Observe bem as pausas. Os cantores observarão estas pausas tanto pela intuição quanto pela necessidade física de tomar grandes sorvos de ar nestas pausas. Imita este estilo, pois é ótimo. O órgão parecerá viver por esse processo de tomar fôlego nestas pausas.

Em que altura deverá ser tocado? Toque alto o suficiente para equilibrar a massa tonal da congregação. Nem o órgão, nem a congregação deverão cobrir um ao outro, deixe que ambos sejam ouvidos.

Jóia Sacramental de Julho
Escola Dominical Sênior

Jóia Sacramental de Julho
Escola Dominical Junior

“... irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado...” (D&C 59:9)

“Partilhamos do pão e da água para testemunhar que nos lembramos de Jesus Cristo.”

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais de Julho

Melvin W. Dunn



NOTA: O hino de ensaio para Escola Dominical Júnior, de Julho, é “Ao Raiar do Novo Dia” *Hinos* = 185.



Como Jesus Usou as Palavras

Lowell L. Bennion

Arthur Quiller-Couch, antigo professor de inglês na Universidade de Cambridge, escreveu um delicioso ensaio sobre o jargão. Nêle descreve o jargão como um estilo de redação abstrata, vaga, geral e vulgar. Utiliza-se de rodeios, não atinge o objetivo e é terrivelmente enfadonho e pouco sonoro. O jargão está repleto de palavras como “mormente,” “Consequência,” “coisa,” e frases como “na medida em que,” “sem sombra de dúvida,” “com respeito a,” e “não poderia deixar de.”

Citando um velho ditado latino: “Sòmente serão masculinos os objetos se puder ver e tocar.” O professor Quiller-Couch exorta os alunos a usarem uma linguagem concreta. Autores tais como Shakespeare, Goethe, Vieira, Machado de Assis, e muitos outros usam êste estilo de escrever masculino, vívido, concreto. Observe-se, por exemplo, como Shakespeare descreve o sono: “. . . sono que põe fim ao emaranhado nó da vigília;” ou a declaração de Goethe: “cinzentas são tôdas as teorias, viçosa é sòmente a árvore dourada da vida.”

Não há um melhor exemplo de redação masculina e firme que a versão da Bíblia do Rei Tiago (em inglês). Contém substantivos concretos, verbos de ação, relativamente poucos advérbios e adjetivos e um mínimo de extravagâncias e generalidades. A mentalidade hebraica era poética e vívida ao descrever a vida.

O magistral uso das palavras nos surpreende durante a leitura dos evangelhos. Tudo vem à vida. Uma imagem segue-se a outra. Os seres humanos cruzam o palco em diálogo e com simplicidade. É como se estivéssemos assistindo a uma peça. A natureza provê o palco e os meios da ilustração. Em linguagem simples Jesus revela verdades profundas. Note o seu estilo masculino nas seguintes passagens típicas:

“. . . perdoados estão os teus pecados. . . levanta-te, toma o teu leito e anda.” (Mc. 2:9)

“. . . se um cego guiar a outro, ambos cairão na cova.” (Mt. 15:14)

“. . . as raposas têm covis e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.” (Mt. 10:16)

“. . . nada leveis convosco para a vossa jornada, nem bordões, nem alforge, nem pão, nem dinheiro; nem

tenhais dois vestidos.” (Lc. 9:3)

“Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos...” (Mt. 10:16)

“A minha casa será chamada casa de oração — mas vós a tendes convertido em covil de ladrões.” (Mt. 21:13)

“Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido; que os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é pregado o evangelho.” (Lc. 7:22)

“Pois veio João Batista, que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demônio. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizeis: Eis aí um homem comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores!” (Lc. 7:33, 34)

Jesus apoiava as suas palavras e princípios em palavras que evocavam imagens de coisas que as pessoas podiam “tocar e ver”. “Saiu o semeador a semear. . . parte caiu em pedregais. . . parte entre espinhos. . . e outra caiu em boa terra.” Quão simples, quão claro e quão rápido para a imaginação!

Um jovem SUD recém saído da universidade aspirava ser escritor. Apresentou seu primeiro ensaio sobre religião a um amigo especializado em inglês. Foi devolvido com o seguinte comentário: “Leia a Bíblia uma hora por dia.” O ensaio não passava de jargão — nebuloso, confuso, vulgar, geral.

Os professores do Evangelho de Jesus Cristo devem também cuidar do seu estilo de falar, do seu uso das palavras. Para estarmos seguros precisamos ser genuínos e naturais na conversação em classe. Nada é mais doloroso para o ouvinte que um professor que começa a fazer longos rodeios para se explicar. Podemos nos perguntar: Ensinamos o Evangelho do Senhor com algo da vivacidade — da solidez, realidade e naturalidade que marcaram os seus ensinamentos? Chamamos a uma espada, espada?

O Élder Boyd K. Packer ofereceu aos professores de seminários e institutos uma interessante ilustração: sugeriu, por exemplo, que ao ensinar o princípio da fé,

(cont. na página 36)

*N*a véspera do Dia das Mães, Joaquina e sua irmãzinha Belita estavam procurando nas prateleiras e balcões da loja do "seu" Paineiras um presente bem bonito para mamãe. Cada menina tinha três cruzeiros novos para gastar. Papai estava conversando com o "seu" Paineiras, enquanto esperava que as garotas se decidissem.

Havia tantas coisas belas que maravilhavam as duas irmãzinhas. Do que mamãe mais gostaria? Uma enorme almofada de alfinetes vermelha, em forma de morango? Uma doceira de vidro verde? Um jôgo de prendedores de guardanapos esculpidos? Era difícil de decidir.

"Joaquina! Olhe aqui!" Exclamou Belita para a irmã. "Que maravilhoso jôgo de costura. Estou certa que mamãe iria adorar."

"É lindo!" Disse Joaquina examinando a pequena caixa azul. Estava forrada de macio cetim azul claro e continha uma tesourinha, um pacote de agulhas e meadas de linha com tôdas as côres do arco-íris.

"Vou comprar isto para a mamãe." Disse Belita firmemente.

"Mas quanto custa? Lembre-se de que só temos três "contos". cada uma," lembrou-lhe a irmã.

Belita correu à caixa segurando a caixinha de costura nas mãos. Pouco depois estava de volta, triste e desapontada. "Seu" Paineiras disse que custa quatro cruzeiros novos," disse ela a Joaquina. "Mas eu quero comprá-la. Tenho de comprá-la para a mamãe. Joaquina, empreste-me parte do seu dinheiro. Por favor".

Joaquina não sabia o que dizer. Não queria que sua irmã ficasse desapontada. "Está bem," concordou ela vagarosamente. "Tome mil cruzeiros. Agora você pode comprar a caixa de costuras para mamãe."

Belita apertou a mão de Joaquina com os olhos refulgentes. "Você é a melhor irmã do mundo," disse ela,



Um Presente

e correu a pagar a caixinha.

Joaquina sorriu satisfeita. Olhou o dinheiro que restara em suas mãos e seu sorriso apagou-se. Com dois cruzeiros novos somente, o que conseguiria comprar para a mãe?

"Foi uma bela coisa o que você fez por sua irmã," disse uma voz atrás dela. Ao virar-se deu com o "seu" Paineiras que tinha ouvido tôda a conversa.

Joaquina assentiu tristemente com a cabeça. Mas agora não tenho dinheiro suficiente para comprar um



ilustrado por Virginia Sargent

Bossa Velha

Florence V. Brown

presente bonito para mamãe.”

“Ora, ora, pode-se dar um jeito,” Disse o “Seu” Paineiras. “Lembre-se que os melhores presentes nem sempre são os mais caros.”

Poucos minutos depois, as duas garotas deixaram a loja com o pai. Belita levava a sua caixa de costuras num saquinho de papel. Joaquina também levava um saco de papel, e quando Belita pediu para espiar dentro ela o abriu. Belita arriscou uma olhadinha e viu a mais esquisita coleção de bugingangas — uma laranja, uma

caixa de cravos, fita cor de rosa, um pedaço de tela de nylon. Fitou Joaquina mistificada. “O que é que você vai fazer com tôda essa traquitanga?”

Mas Joaquina sorriu misteriosamente e disse: “Você vai ver. Surpresa, algo que o “Seu” Paineiras me ensinou.”

Tão logo as meninas chegaram em casa, Joaquina correu com suas coisas lá para o quarto, enquanto Belita foi para a rua pular corda com as amiguinhas.

No Dia das Mães bem cedinho, Joaquina e Belita apresentaram os seus regalos a mamãe, que sorriu satisfeita. Primeiramente desembalou a caixa de costura de Belita. “Oh, meu bem, é justamente o que eu precisava. É um lindo presente.”

Então mamãe abriu o presente de Joaquina. “Bem, vejamos.” Disse ela. “É um “sachê” bossa velha! Minha mãe costumava pendurar-los no seu armário.”

Respirou a agradável fragrância. “Hum, como é cheiroso. E foi você mesmo quem fêz, querida!”

Joaquina assentiu orgulhosamente. “Espetei os cravos em volta da laranja. Então cobri-a a tela e amarrei o laço de fita em volta. Dei um laço em cima para que possa ser pendurada no armário.

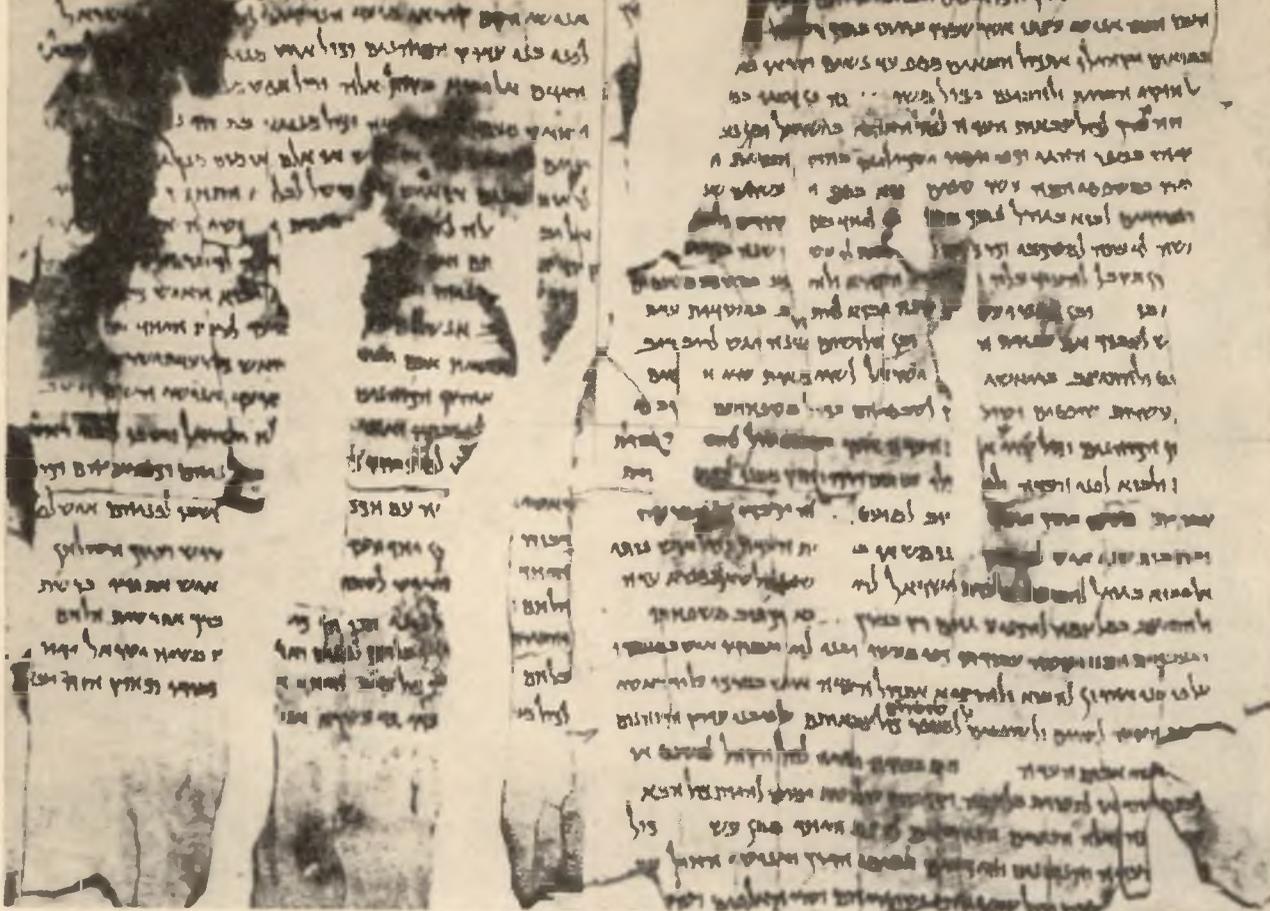
“E é justamente o que eu vou fazer,” disse mamãe. “Minhas coisas vão ficar muito perfumadas. Mas onde que você arranjou essa idéia para um presente tão incomum?”

“O “Seu” Paineiras me ensinou,” explicou Joaquina. O amável sorriso a fazia sentir-se aquecida interiormente.

“Ela me emprestou seu dinheiro para que eu pudesse comprar meu presente.” Disse Belita.

“Que bela coisa de se fazer.” Disse mamãe abraçando Joaquina. “Agora o seu presente terá ainda mais um significado para mim.”

E Joaquina lembrou-se do que lhe dissera o “Seu” Paineiras: Nem sempre os melhores presentes são os mais caros.”



O texto do "Manual de Disciplina," exemplifica os manuscritos escritos em pergaminho em Hebráico antigo.

OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Respostas a algumas questões por Hugh Nibley

○ Que São os Manuscritos do Mar Morto?

Antigos escritos religiosos encontrados em cavernas e ruínas no deserto da Judéia.

Quando Foram Descobertos?

Os primeiros no verão de 1947. Outras descobertas principais deram-se em 1952 e 1956. Mais de 200 cavernas já foram exploradas, e a busca ainda continua.

Onde Foram Descobertos?

As mais importantes descobertas ocorreram em 11 cavernas situadas nas abruptas paredes de Uadi Qumram, uma garganta nas praias ocidentais do Mar Morto, a cerca de um quilômetro e meio da orla marinha, próximo ao lado norte, e cerca de 11 quilômetros ao sul de Jericó. São também importantes as quatro enormes cavernas de Uadi Murabba'at, 18 quilômetros a sudoeste de Qumram; e as ruínas de Kirbet Mird, sobre o cume de uma colina distante oito quilômetros a oeste-sudoeste de Qumram. Foram feitas outras importantes descobertas em outros esconderijos conhecidos apenas dos beduínos.

Como Foram Descobertos e Por Quem?

O primeiro foi acidentalmente descoberto por um menino pastor da tribo semi-nomádica árabe dos Ta'amireh. A maioria das descobertas subsequentes foram feitas por membros desta tribo, os quais atualmente tornaram-se peritos em escavação e preservação de documentos. No começo, escavações clandestinas (feitas por comerciantes, monges e árabes) destruíram bastante material.

Em 1949 os peritos se retiraram, convencidos de que nada mais havia para ser encontrado; mas os árabes continuaram procurando com tal sucesso que em 1951 foram organizadas expedições formais pelo Exército Britânico e pelo Governo Jordaniano. As paredes de Uadi Qumram foram sistematicamente exploradas, conduzindo à descoberta em 1952 da Caverna IV, a mais rica de todas — e à descoberta pelos árabes da grande caverna de Uadi Murabba'at.

Os relatos sobre a descoberta e a aquisição dos vários manuscritos são complicados e conflitantes.

Quantos Manuscritos Há?

Somente na Caverna IV foram encontrados mi-

lhares de fragmentos de mais de 382 manuscritos. Ao todo, mais de 500 manuscritos vieram de Qumram em dezenas de milhares de fragmentos de couro.

Quem Está em Posse dos Manuscritos e Como Foram Eles Adquiridos?

Os primeiros quatro manuscritos foram adquiridos pelo Syriah Metropolitano Ortodoxo de Jerusalém (a história é muito obscura) que os levou para a América e depois vendeu-os à Universidade Hebraica por cerca de 250.000 dólares, segundo se estima. O Professor Sukenic, da Universidade Hebraica, conseguiu alguns fragmentos numa loja de antiguidades de Jerusalém.

O Governo Jordânico tem direito legal sobre os materiais descobertos, e devido à falta de fundos, os tem vendido pelo preço fixo de uma libra (NC\$ 7,50) por centímetro quadrado. Antes de que os aquiretores possam reclamá-los, devem passar pelo Museu Arqueológico da Palestina para serem limpos, fotografados e publicados.

Os manuscritos do Mar Morto têm sido adquiridos pelas Universidades de Heidelberg, Manchester e McGill; pelo Seminário Teológico McCormick e pela Biblioteca do Vaticano. As novas descobertas são adquiridas dos árabes através de agentes intermediários; os canais são sinuosos e não raramente obscuros.

Qual é a Idade dos Manuscritos?

Varia desde o sétimo século A.C. (um fragmento) até o ano 68 A.D. Os textos de Samuel, Jeremias e do Êxodo podem datar do século II A.C.; mas a maioria dos manuscritos bíblicos são do primeiro século A.C.



As cavernas das escarpadas paredes de Uadi Qumram têm proporcionado algumas das mais importantes descobertas do Mar Morto.



A Caverna IV, "Biblioteca Principal dos Essenos," contém milhares de fragmentos de mais de 382 manuscritos

Quais São os Assuntos Tratados nos Manuscritos?

Um quarto de todos os manuscritos são bíblicos, estando representados cada um dos livros do Velho Testamento, exceto o livro de Ester. Os manuscritos mais numerosos são do Deuteronômio, Isaías e Salmos. A primeira descoberta foi o texto hebraico de Isaías, 1000 anos mais antigo que qualquer outro texto conhecido. As obras apócrifas estão amplamente representadas, inclusive dois livros em escrita criptográfica, um Livro de Enoque e um tratado sobre o Livro de Moisés. Os mais famosos dentre os livros não bíblicos são o Manual de Disciplina, o Comentário de Habacuque, os Salmos de Ações de Graças, o antigo Ordem de Batalha, o Apócrifo do Gênesis (uma história mais completa do Gênesis, incluindo um novo relato sobre Abraão no Egito), uma "Descrição da Nova Jerusalém" e um Comentário de Jó perdido. A investigação e a publicação de tais escritos apenas começou.

Quem Escreveu os Manuscritos do Mar Morto?

Uma sociedade de piedosos judeus "apocalípticos" agora geralmente identificados com os Essenos.

Em Que os Manuscritos do Mar Morto Esclarecem as Origens Cristãs?

Isto é em grande parte questão de interpretação, mas atualmente os eruditos são geralmente concordes quanto a que os manuscritos nos falam pela primeira vez: 1) dos antecedentes de João Batista; 2) da data exata da Páscoa; 3) da natureza e origem da organização da Igreja Primitiva; 4) do significado da estranha linguagem e ensinamentos de João; 5) da origem do Gnosticismo; 6) da natureza da Igreja como continuação de uma antiga tradição apocalíptica e messiânica ignorada pelo Judaísmo Rabínico; 7) da natureza da estranha terminologia do Novo Testamento como continuadora de uma antiga tradição; 8) da comunidade cristã como seguidora do modelo das primitivas comunidades apocalípticas do deserto; e 9) dos antigos antecedentes hebraicos-apocalípticos dos escritos de Paulo.

Em Que os Manuscritos Esclarecem o Livro de Mórmon?

Isto, também, é questão de interpretação. Mas se há qualquer validade para os milhares de estudos evidenciando paralelos entre os manuscritos e vários escritos bíblicos e históricos, os perfeitamente desconcertantes paralelos entre o Livro de Mórmon não podem ser postos de lado. Eis aqui alguns deles:

1. Há treze anos o autor deste artigo salientou (*The Improvement Era*, setembro de 1954) que a maneira peculiar de enterrar os manuscritos indicava que haviam sido apartados para virem à luz numa futura dispensação. Desde então, vários eruditos (e. g. Malik, Danielou) têm confirmado esta impressão. A tradição dos registros sagrados enterrados nos surpreende em sua similaridade de preservação dos manuscritos e do Livro de Mórmon.

2. Lehi é claramente descrito como um dos profetas expulsos de Jerusalém devido à sua pregação messiânica, que foi buscar refúgio no deserto, onde tencionava fundar uma comunidade. A comunidade de Qumram foi conduzida ao deserto por um homem semelhante séculos depois, e há considerável evidência de que esta era uma rotina estável e tradicional de grande antiguidade.

3. Numa situação até agora não igualada, encontramos o povo de Qumram oferecendo animais em sacrifício e observando a Lei de Moisés sob a direção de sacerdotes legítimos, e ao mesmo tempo observando ordenanças de uma natureza estranhamente cristã. É uma situação "difícil de visualizar" (Cross), não obstante, o mesmo é encontrado no Livro de Mórmon.

4. O povo de Qumram denuncia os judeus de Jerusalém por sua corrupção e frouxidão na observância da lei. Respeitam o templo e as suas tradições mas desprezam os líderes dos judeus que os expulsaram de Jerusalém. Esta é exatamente a atitude de Nefi.

5. Guardam a Lei de Moisés mas em tudo *antecipam* a vinda do Messias e do Novo Convênio. Seu sacramento é "uma antecipação litúrgica do banquete messiânico" (Cross), tal como o são seus batismos e suas vestes brancas — tudo pertencente a uma "igreja de antecipação." Isto se iguala exatamente à situação do Livro de Mórmon.

6. Vêm um significado peculiar em irem para o deserto e em escolherem um local onde possam estabelecer-se à vontade e elaborar um sistema de tanques e bacias para abluções e batismo. Pensa-se imediatamente na comunidade de Alma no deserto, junto às águas de Mórmon.

7. Organizaram-se numa congregação geral com um conselho de doze leigos encabeçados por três sacerdotes. Os eruditos têm concordado que temos aqui uma bem definida ligação com a organização da Igreja Primitiva. É o paralelo mais estreito com a organização da Igreja por Cristo em 3 *Nefi*.

8. Os escritos do Mar Morto estão cheios de anjos, profetas, escrituras antigas e profecias das coisas vindouras, especialmente da vinda do Messias, da ressurreição literal dos mortos, e da destruição do mundo pelo fogo. Estas coisas são tratadas de uma maneira peculiar muito mais próxima do Livro de Mórmon que da Bíblia.

9. Alguns eruditos crêem que a maior revelação dos manuscritos seja a existência de uma grande tradição profética que tem permanecido completamente esquecida. O seu maior representante é o misterioso "Mestre da Retidão" ou "Mestre Justo," um destacado profeta cuja existência fôra ignorada até 1950. Como uma figura de tão grande importância tanto para os cristãos quanto para os judeus poderia ter sido tão completamente esquecida? Foi devido a que seu nome foi riscado pelos judeus Rabínicos ou "oficiais", que o perseguiram severamente e o expulsaram para o deserto porque êle pregava a vinda do Messias.

Fôra de descendência sacerdotal, da linhagem de Sadoque, outro misterioso profeta que, segundo a crença de alguns, viveu no tempo de Moisés e que foi o tipo do verdadeiro sacerdote que aguardava a vinda do Messias. Allegro acredita que o próprio Mestre de Retidão teria se chamado Sadoque. O importante é não a descoberta de indivíduos controversos mas de uma inegável tradição de uma linha de profetas messiânicos perseguidos. Isto está em perfeito acôrdo com a tradição de Zenos e Zenoque no Livro de Mórmon. Uma vez que o mais comum dos fenômenos na literatura apócrifa, incluindo os manuscritos, seja a freqüente duplicação e corrupção de nomes próprios, não seria demasiado sugerir que Sadoque pudesse mesmo ser uma corruptela de Zenoque, desde que certamente em Hebraico as vogais não são escritas e o "d" Hebraico pareça-se estreitamente com o "n" o suficiente (na escrita arcaica) para ser confundido por um primitivo copista — um tipo de engano muito comum. Seja como fôr, o tipo peculiar de profeta representado por Zenos e Zenoque está agora plenamente estabelecido pelos manuscritos.

10. Pela primeira vez ficamos sabendo dos antigos antecedentes judaicos da 1) linguagem teológica do Novo Testamento e dos apócrifos cristãos. 2) suas doutrinas escatológicas e 3) suas instituições litúrgicas e organizacionais. (Cross) Tudo isso recebe sua plena exposição em 3 *Nefi*, onde o Messias vem pessoalmente e organiza a sua Igreja sobre os alicerces já lançados para ela.

A mais forte acusação contra o Livro de Mórmon no passado tem sido sempre a presença nêle da linguagem, doutrina e ordenanças do Novo Testamento entre pessoas vivendo em épocas pré-Cristãs. Hoje, essa objeção não só se desvaneceu mas agora fornece uma poderosa evidência em apóio ao Livro de Mórmon. Os manuscritos mostram um messianismo altamente desenvolvido, muito próximo daquele do Novo Testamento. Por exemplo, agora está visto que Paulo escreve um autêntico estilo Qumran-pré-Cristão.

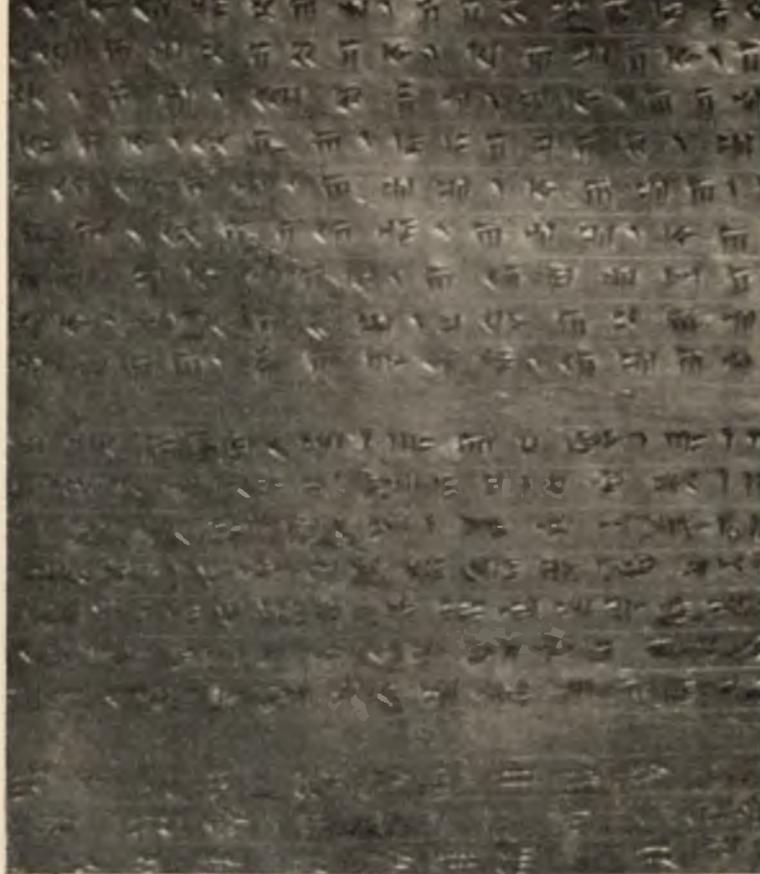
Os livros atuais mais lidos e mais acessíveis sobre os Manuscritos do Mar Morto, dos quais foram recolhidas estas informações, são os seguintes:

- Allegro, John Marco, *The Dead Sea Scrolls* (Pelican, 1956)
Cross, Frank M., *The Ancient Library of Qumran* (Anchor Books, 1961)
Danielou, Jean, *The Dead Sea Scrolls and Primitive Christianity* (Mentor, 1958)
Davies, A. P., *The Meaning of the Dead Sea Scrolls* (Signet, 1956)
Gaster, Theod. N., *The Dead Sea Scriptures in English* (Doubleday Anchor, 1957)
Schonfield, Hugh J., *Secrets of the Dead Sea Scrolls* (A. S. Barnes, 1957).

AS PLACAS DE OURO E O LIVRO DE MÓRMON

Thomas Stuart Ferguson

adaptado de The Improvement Era.



Placa de Ouro descoberta na escavação dos alicerces da Sala das Audiências (Apadana) do Palácio do Rei Dario, Sec Va.C. Shiraz, Iran.

As placas de ouro de Dario I foram descobertas no grande palácio dos reis persas nas ruínas de Persépolis, situadas próximas à atual cidade de Shiraz, no sul do Iran. Persépolis é uma das magníficas cidades em ruínas da época do Velho Testamento. Alí viveram os grandes Dario I, que conquistou todo o Oriente Médio em fins do século VI a.C., Xerxes e Artaxerxes.

As placas são finas, e uma delas tem aproximadamente as mesmas dimensões das placas que compunham o Livro de Mórmon, as quais o Profeta Joseph Smith descreveu como tendo 15 centímetros de largura por 20 de comprimento. Esta placa de ouro foi gravada no século IV a.C., nos dias de Dario II. A outra placa é um pouco maior, medindo 20 por 25 centímetros, fala de Artaxerxes e data do V século a.C. Ambas estão cobertas com caracteres cuneiformes, e pertencem ao Museu Persa de Antiguidades de Teheran.

Os escritos em placas de ouro e prata destes grandes reis persas ajudam a provar a validade da afirmação do Livro de Mórmon, de que os antigos do mundo bíblico registravam importantes acontecimentos históricos em placas de metal.

Uma das razões para atacar Joseph Smith e a restauração tem sido de que a idéia de um livro de placas de ouro é por si mesma um absurdo.

Quando o Livro de Mórmon apareceu em 1830, a arqueologia científica ainda não havia nascido. As hoje tão conhecidas placas de ouro, prata, bronze e latão, trazendo inscrições antigas ainda não haviam sido descobertas. A arqueologia científica teria começado na pátria jaredita, a Mesopotâmia, em 1842. "As primeiras escavações na Mesopotâmia foram levada a cabo por Paul-Émile Botta, em Nínive, 1842; e

Korsabad, 1843," declara o eminente arqueólogo britânico Glyn E. Daniel professor, na Universidade de Cambridge, e diz mais: "O real início da arqueologia egípcia não se deu com ladrões de túmulos como Belzoni e Drouetti, mas com Mariette, que foi enviado ao Egito em 1859 pelo Louvre..."

Falando dos começos das escavações na Palestina, Daniel diz: "As escavações começaram com a obra de Warren em Jerusalém e arredores entre 1867-70 e com a obra de Petrie e Bliss em Tell el-Hesi em 1891-92."

O trabalho arqueológico no México e na América Central começou com as explorações de John Lloyd Stephens em 1839, segundo von Hagen. Não foi senão até o desenvolvimento do emprêgo do rádio carbono em datação, que se deu nos últimos 15 anos, que os eruditos puderam se informar da verdadeira grande antiguidade da civilização da América Central.

O Dr. Franklin Harris Jr., da Universidade do Utah e o Dr. Ariel Crowley, de Boise, Idaho, ambos estudiosos do livro de Mórmon, compilaram e publicaram longas relações de placas inscritas descobertas e tomadas como registros pelos arqueólogos. Estas compilações também estabelecem que as referências feitas pelo Livro de Mórmon ao emprego de placas de metal por povos da cultura do antigo Oriente Médio são bem fundados.

O Livro de Mórmon faz referência às 24 placas de ouro de Éter (Mosiah, 8:9), cujos ancestrais eram mesopotâmios; o registro nefita faz referência a um conjunto de placas de latão que existiam em Jerusalém no sexto século a.C, e que foi trazido para o Nôvo Mundo por Lehi e seus acompanhantes, naquele século. (Veja I Nefi 5:10-12) O próprio Livro de Mórmon foi

Estas coisas são escritas aos remanescentes da casa

de Israel . . . portanto, farei uma obra maravilhosa

e um assombro, pois a sabedoria dos seus

sábios e instruídos perecerá . . .

escrito em placas de ouro, datando os escritos de Neí e Jacó do século VI a.C.

O texto do Livro de Mórmon torna claro que o propósito declarado do Senhor é provocar uma revolução espiritual no mundo por meio do Livro. Estamos começando a compreender como a atenção mundial pode ser concentrada no Livro de Mórmon. Estão sendo feitas importantes descobertas arqueológicas a êle relacionadas. Um exemplo disso foi a descoberta da estela 5, em Izapa, estado de Chiapas, México, pelo Dr. Matthew Stirling da Smithsonian Institution em 1943. Segundo o Dr. M. Wells Jakeman, o monumento reproduz a cena descrita em I Nefi 8:9 em diante, a visão que Lehi teve da árvore da vida.

Êstes sensacionais acontecimentos parecem estar preditos no próprio Livro de Mórmon, como se infere destas poucas citações indicando o poderoso e dinâmico papel que o Livro de Mórmon está destinado a representar no mundo.

“E o anjo me falou, dizendo: Êstes últimos registros, (o Livro de Mórmon) que vistes entre os gentios, estabelecerão a verdade dos primeiros, que são os doze apóstolos do cordeiro, (Nôvo Testamento). . .” (I Nefi 13:40)

“E aconteceu que vi também a Igreja do Cordeiro de Deus, e vi que o seu número era pequeno. . .”

“ . . . vi o poder do Cordeiro de Deus, que descia sobre os santos da Igreja do Cordeiro e sobre o povo do convênio do Senhor, que estava espalhado sobre toda a face da terra; e estavam armados com a justiça e o poder de Deus em grande glória. . .”

“E, quando chegar o dia. . . o trabalho do Pai começará, preparando o caminho para o cumprimento dos seus convênios que fez com o seu povo, que é a casa de Israel.” (I Nefi 14: 12-17).

“Eis que estas coisas são escritas aos remanescentes da casa de Jacó, e são escritas desta maneira porque Deus sabe que a iniquidade não as manifestará a êles; e não de ser ocultadas no Senhor para que apareçam no seu devido tempo.” (Mórmon 5:12)

“E eis que elas irão aos incrédulos dos judeus; e para êste fim irão, para que possam ser persuadidos de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo; para que o Pai possa realizar, por meio do seu Bem Amado, seu grande e eterno propósito de restaurar os judeus, toda a casa de Israel, à terra da sua herança, a qual o Senhor seu Deus lhes deu em cumprimento do seu convênio.

“E também para que a semente dêste povo (povo do Livro de Mórmon) possa mais plenamente erer no seu evangelho, que lhes será levado pelos gentios;. . .” (Mórmon 8:16)

“ . . . e (o Livro de Mórmon) serão tiradas da obscuridade para a luz, segundo a palavra de Deus, sim, serão tiradas da terra e brilharão desde a obscuridade, chegando ao conhecimento do povo; e isso será feito pelo poder de Deus.” (Mórmon 8:16)

“ . . . pois da terra não de sair (as placas componentes do Livro de Mórmon) pela mão do Senhor, e ninguém o poderá obstar: (Mórmon 8:26)

“E eis que o Senhor revelou a mim grande e maravilhosas concernentes àquele dia quando estas coisas aparecerão entre vós, e que breve deverão vir.” (Mórmon, 8:34).

“ . . . o Senhor descobrirá o seu braço diante de todas as nações.

“ . . . manifestando os seus convênios e o seu evangelho àqueles que são da casa de Israel.” (I Nefi 22:10-11)

“ . . . Não obstante, Deus envia mais testemunhas e prova todas suas palavras.” (II Nefi, 11:3).

“E como falei sobre a necessidade de vencer os judeus de que Jesus é realmente o Cristo, também é necessário que os gentios se convençam de que Jesus é o Cristo, o Eterno Deus;. . .” (II Nefi, 26:12)

“Portanto, farei uma obra maravilhosa entre êste povo, sim, uma obra maravilhosa e um assombro, pois a sabedoria dos seus sábios e instruídos perecerá, e o estendimento dos seus sagazes será escondido.” (II Nefi 27:26).

No diálogo, entre o Senhor e Moroni, apresentado no capítulo 12 do Livro de Êter, o ser esclarece que vivia um tempo em cessaria a mofa e a ridicularização do Livro de Mórmon. O Senhor “mostrará” aos críticos que estiveram em êrro:

Moroni: “Senhor, os gentios zombarão destas coisas, devido à nossa debilidade em escrever; pois nos fizestes poderoso na palavra pela fé, mas não nos fizestes poderosos em escrever. . .”

O Senhor: “Os insensatos zombam, mas lamentarão, pois minha graça é suficiente para os mansos, para que não tirem vantagem da vossa fraqueza, (em escrever). . .”

“Eis que mostrarei aos gentios a sua fraqueza (quanto ao Livro de Mórmon). . .”

Terminando o diálogo, Moroni presta o seu testemunho, dizendo: “E então sabereis que vi Jesus e que êle falou comigo face a face. . . como um homem fala com outro, na minha própria lingua a respeito destas coisas.”

“E apenas algumas poucas escrevi, por causa da minha fraqueza em escrever.” (Êter 12:23-40).

Poderosas são as evidências que se estão acumulando em apóio ao Livro de Mórmon, das quais não menos importantes são estas placas encontradas no Irã.

MENSAGEM ÀS MÃES

*Meta Bro**



Nota de Autora: Afixe esta mensagem num local visível para ocasiões de emergência — tais como quando você recebe um cartão de alguma amiga solteira em Parati dizendo: "Passemos o tempo todo. Estamos nos divertindo à beσσα, pena que você não esteja aqui!" E quando a sua filhinha grita: "Mãe, a senhora é minha testemunha não falo com o Niquinho nunca mais!" Em vez de tomar um comprimido, leia esta mensagem; e mais tarde, na hora de dormir, talvez uma das suas crianças dirá, como certa vez uma das minhas disse a mim: "Espero que o céu seja assim."

Temos ouvido falar sobre elas, lido sobre elas, e talvez vivamos entre elas — as mães descontentes que anseiam pela emancipação da rotina diária das suas vidas, que se queixam de que as suas verdadeiras personalidades estão submersas devido às infundáveis tarefas que fazem face a uma dona de casa e mãe, não deixando tempo disponível para a realização de desejos pessoais. Há mães que julgam que o mundo está passando enquanto dispendem seus anos vibrantes lavando a louça, limpando narizes, mudando fraldas. Anseiam por ter uma fatia da fama, glória, excitação e realização do mundo. Dizem que desejam sentir-se como seres humanos em vez de "paus para toda obra" na azáfama de atender às necessidades da família.

É a estas mães que dirijo esta mensagem: Nós, mães, não necessitamos de compaixão. Precisamos tão somente compreender quão felizardas somos! Não há no mundo mulher mais afortunada que a mãe com seu filho no braço. Qual é a mulher verdadeiramente feminina que discorda de mim nisso? Por que sentir que estamos perdendo as grandes realizações e emoções da vida? Se conscienciosamente usufruirmos dos nossos preciosos direitos de nascimento, sendo espôsas e mães devotadas, as grandes emoções e realizações serão nossas. Como?

Fama: porque como MÃES somos o mundo das nossas crianças.

Glória: como MÃES somos o ideal dos nossos filhos.

Realização: como MÃES, somos nós que sabemos como preparar uma gostosa refeição ou confeccionar um lindo vestido.

Satisfação: como MÃES damos calor e compreensão à nossa família e em troca recebemos calor e compreensão daqueles a quem mais tratamos com carinho — nossos familiares.

Que outros tipos de auto-realização poderiam ser tão completamente recompensadores?

Quando nos queixamos da "trivialidade" da vida, deveríamos nos lembrar que há mulheres com uma vida de rotina ainda mais restrita — mulheres que precisam ficar atrás de um balcão oito horas por dia, tentando agradar ao público; mulheres encerradas entre as quatro paredes de um escritório datilografando maçantes estatísticas por horas; mulheres nas fábricas fazendo a mesma coisa continuamente!

Certamente nós, mães, ficamos aborrecidas e esgotadas de vez em quando. Frequentemente podemos dizer com razão: "Quero ter um momento para mim mesma!" Espero que possamos tê-los uma vez ou outra. Se gostamos das pessoas podemos ser ativas no serviço da Igreja e nas associações cívicas e culturais. Se gostamos de aprender coisas novas podemos nos matricular em algum curso noturno para adultos. Devido a tais atividades nos tornamos companheiras mais interessantes para os nossos familiares. Mas possamos nós gozar estas atividades exteriores para tornar mais completas as nossas personalidades, e não devido a alguma implacável e frustrada obsessão de "encontrarmos a nós mesmas."

As mães que dizem: "Certamente, aprecio muito ser espôsa e mãe, mas quero ser também uma pessoa à parte, um ser humano eu mesma," deveriam compreender que ser uma boa espôsa e mãe significa ex-

*Meta Bro, é escritora "free-lance", moradora em Burbank, Califórnia.

pressar os melhores, mais dignos e mais humanos toques que uma mulher pode experimentar. Até mesmo as meninhas sabem disso — instintivamente brincam com bonecas e de casinha tão logo possam andar e falar — e agarrar-se-ão às bonecas até mesmo mais cedo. Se a mãe afirma que deseja ser uma pessoa à parte, não está vivendo o papel de mãe em toda a sua plenitude. — está fugindo às suas atribuições!” Ela deveria *dar e receber* todos os inestimáveis atributos e responsabilidades pertinentes ao papel do mais abençoado de todos os seres humanos — a mãe!

Há tanto viver para nós, mães, em nossos próprios lares que precisamos apenas estar dispostas a abrir os olhos, os ouvidos e nossos corações para encontrá-lo — gozar o radiante sorriso do nosso bebê, o confiante toque da mãozinha do nosso filho, o compreensivo amor do nosso marido! Estes e outros prazeres intangíveis estão bem em nossos lares. Não precisamos deixar os anos escoarem-se sem gozarmos o seu valor. Podemos gravá-los em nossas memórias para que assim possamos

fruí-los muitas vezes nos anos futuros.

“Que memórias?” perguntará você — as alterações das crianças, o infindável recolher de roupas e brinquedos espalhados, as pilhas de louça? Não, podemos esquecê-las. Até mesmo as rosas têm espinhos. Em vez disso, recorde-me da minha filhinha lutando com o seu primeiro biscoito, a vez em que ela correu em êxtase segurando um sapo na mão e pediu para colocá-lo na frigideira. Lembro-me do olhar de agrado do meu filho quando dominou uma difícil melodia ao piano (havia dito que aquilo não era para ele quando lhe dissemos que também ele iria tomar aulas de piano.)

Precisamos nos encontrar ao aprendermos a viver com nossa família — subirmos dos vales tão garbosamente quanto galgamos os picos — lembrando que dia a dia estamos moldando a vida dos nossos filhos num padrão para os seus anos adultos, dando assim imortalidade aos nossos pensamentos, às nossas palavras e às nossas ações... Não é isto auto-realização?

Como Jesus usou . . .

(Continuação da pág. 27)

se escrevesse na lousa: A fé é como . . . E então desafiar a classe a preencher com a palavra correspondente. Muitos símbolos e ilustrações vem à mente. Tentem!

A fé é como uma semente.

A fé é como um recém-nascido.

A fé é como uma vela acesa.

A fé é como um trampolim.

A fé é como uma ponte.

A fé é como um farol.

Então o professor pode pedir ao aluno que sugeriu a palavra que explique porque a fé se lhe assemelha à coisa que citou.

O mesmo método pode ser usado com muitos dos princípios do evangelho que permanecem tão vagos quando discutidos em termos puramente abstratos. Um antigo escritor chinês, Lao Tsé, comparou a humil-

dade à água. A água busca sempre o nível mais baixo, não obstante é tão poderosa que carrega rochas e montanhas, cria vales e leva o solo para o mar.

Podemos sugerir algumas várias maneiras de pensar úteis ao professor: 1. Leia a Bíblia regularmente, especialmente os ditos de Jesus. Algo do seu estilo poderá aderir a nós. 2. Observe a natureza e a natureza humana. Rabisque ilustrações e palavras num caderno de notas e use-as. 3. Ouça as pessoas conversarem, algumas são francas e expressivas. Isto é verdadeiro em todas as classes. Um velho vizinho nosso costumava dizer: “São tão bem-vindos quanto as flôres em maio.” Romain Rolland, eminente escritor europeu disse: “Deixe que a sua vida seja grande com amor, como uma árvore com botões na primavera.” 4. Em nossa própria vida precisamos afastar o vago e abstrato mundo das generalidades e inalarmos nossos próprios sentimentos de amor, força, gratidão, e admiração. Precisamos vivê-la para podermos exprimi-la.

QUALQUER OCASIÃO É OCASIÃO PARA VOCÊ LER E ASSINAR

Presenteie seus Parentes e Amigos
mensalmente com uma lembrança sua.

AUMENTA O NÚMERO DE MISSIONARIOS BRASILEIROS NO EXTERIOR



Da esquerda para a direita: Paulo Roberto Puerta, Osiris Grobel Cabral, Wilson Roberto Gomes e Aparecido Januário.

SÃO PAULO, 6 (CEB) (ABR. 67) — Partiu de São Paulo com destino a La Paz, Bolívia, chamado a levar a pregação do evangelho a essa região, Paulo Roberto Puerta, que dessa forma vem elevar para sete o número de brasileiros em serviço missionário em vários países

Atualmente, o número de missionários em todo o mundo sobe a cerca de 12.500, sendo a maioria esmagadora desse exército evangélico composta por jovens norte-americanos. Desde o ano passado, entretanto, os jovens brasileiros

tem sido chamados a unir-se a esse esforço mundial de proselitismo, e quase uma dezena deles já interromperam suas atividades para dedicar dois anos da sua vida, do seu talento e do seu trabalho afim de estender ao

da Europa e da América Latina. Precederam-no com destino a Lima, Perú, Osiris Grobel Cabral, em 28 de fevereiro, e Aparecido Januário, com destino a Santiago do Chile. Wilson Roberto Gomes, também chamado, aguarda o recebimento de ordem de embarque.

próximo de longínquas terras composto de conversos ao as bênçãos que eles, por esse evangelho. Esses rapazes inicialmente receberam um dia.

Enquanto que relativamente poucos missionários americanos sejam membros conversos, o contingente brasileiro é predominantemente diversos graus do Sacerdócio.

BATISMO NAS ÁGUAS DO VIETNAM

SAIGON, 25 (CN) (FEV. 67) — Utilizando-se de transporte por helicóptero militar e escoltados por uma guarda armada, oficiais das Forças Armadas Norte Americanas oficiaram um serviço batismal em Long Thanh.

Nessa ocasião, recebeu o batismo das mãos do Cap. Stuart Slingerland o Primeiro Tenente Harold C. Lynch, ambos do Exército.

No fim do ano passado o Ten. Lynch, de 23 anos, abordo do navio que o conduzia ao Vietnam, ficou bastante impressionado com as citações do Cap. Slingerland, médico militar. A partir de

então passou a estudar o evangelho com seus colegas de armas SUD, vindo a aceitar o batismo. As dificuldades inerentes à situação de serviço foram superadas ao ser encontrado em Long Thanh, a 30 km de Saigon, um lugar que se servia ao batismo, tornando assim possível a realização da ordenança batismal.



A partir da esquerda: Sp4 Tyler, Major Fisher, Capitão Slingerland, 1.º Ten. Lynch, Sargento Moore e Capt. Sweetwooo.

Presidente Beck Retorna ao Brasil

SÃO PAULO, 12 (CEB) (FEV. 67) — Esteve em visita ao Brasil, para tratar de assuntos relacionados ao Plano de Bem Estar com as Autoridades da Estaca São Paulo, o ex-presidente da Missão Brasileira, Wayne M. Beck.

Por ocasião da sua estada entre nós, o presidente Beck esteve instruindo e preparando os líderes da Igreja no Brasil, de modo que em tempo útil a estaca esteja plenamente integrada nos programas da Igreja em, especial o plano de Bem Estar.

Os membros brasileiros saudados do seu presidente, sob cuja gestão se formou a primeira estaca da América do Sul, tiveram oportunidade de ouvir novamente os seus inspiradores discursos, durante as sessões da Conferência da Estaca.



Presidente Wayne Moore Beck, por ocasião do pronunciamento de seu discurso na Conferência Trimestral da Estaca São Paulo.

A ÚLTIMA PALAVRA

Em toda festa lembre-se de que há dois convidados a entreter: o corpo e a alma; e aquilo que for dado ao corpo perder-se-á, mas o que for dado à alma permanecerá para sempre — Epiteto.

Aprenda com os erros dos outros — você jamais viverá o bastante para cometê-los todos.

Se você acha que é capaz, você está certo; se acha que não é capaz, também está certo.

Que emprêgo pode ser mais nobre ou mais valioso para o Estado que o que ocupa alguém em instruir uma nova geração? — Cícero.

Numa certa estaca há uma certa ala que tem constantemente obtido quase cem por cento de frequência em todas as suas reuniões.

“Como você consegue isto?” perguntaram vários bispos ao bispo desta ala numa reunião da Estaca.” “Os membros da sua ala devem ser do mesmo tipo dos das demais alas. Qual é o segredo?”

“De fato,” respondeu o bispo que tinha tanto sucesso. “Os membros da minha ala não são diferentes dos de nenhuma outra, é que eu tenho um jeito especial de tratá-los. Uma vez que sou agente funerário, costumo fazer uma visitinha a casa dos membros inativos com o meu carro fúnebre e digo: “Olá, pessoal. Ouvi dizer que vocês estavam mortos.”

Dois índios vieram ver funcionar o farol marítimo para nevoeiro num dia em que o nevoeiro começara a se formar particularmente denso. Disse um índio para o outro: “Farol fazer grande luz, fazer também grande barulho, mas nevoeiro vir do mesmo jeito.”

Carga

Virgínia Maughan Kammeyer

Pequerruchos em roupa domingueira
Vede que todos prestam atenção.
A vida fez convosco a brincadeira
De tudo transformar de sopetão

Os cochichos tereis de silenciar
Dedinhos inquietos não mover
Parai de rir, deixai de saltitar
Dura tarefa agora haveis de ter

Os outros juvenis desfrutarão
Privilégios comuns que não tereis
Garotos, vossa nova posição
Não vos deixa brincar. Pois, não brinquéis.

Olhos atentos hão de vigiar
Cada passo que derdes para ver
Vossa maneira de sorrir, cantar,
Ou se andais gravemente, sem correr.

Pois vosso pai, ante a congregação
Apóio recebeu, vós o sabeis
Adolescentes já não vos verão:
Filhos do bispo agora haveis de ser.

A vida não é nem boa nem má, é simplesmente o palco do bem e do mal. Sêneca.

Certo casal lia na cama antes de dormir:

Mulher: “Puxa, êste romance é ótimo.”

Marido: “Quem é o autor?”

Mulher: “Ah, é um tal de Voliv.”

Marido: “Russo?”

Mulher: “Sei lá, aqui não diz.”

Marido: “Deixe-me ver o volume.”

Na lombada estava escrito apenas “Vol. iv.”

Versão de Hélio de Rocha Camargo

Sapatinhos Vermelhos

por Viola Meeks

Ilustrações de Eleonor W. Shull

Sapatinhos Vermelhos tinha morado numa estante da sapataria por muito tempo. Um dia, Sapatinhos Vermelhos pulou estante abaixo, correu porta afora e foi-se plact-plac, plact-plac embora pela rua. Cró-Cró, a galinha, viu Sapatinhos Vermelhos e chamou: "Ó Sapatinhos Vermelhos, vem cá. Quero usar você". Cró-Cró, a galinha, pulou para dentro dos sapatos.

"Agora, cisca." Ordenou Cró-Cró, a Galinha.

"Não posso cisca." respondeu Sapatinhos Vermelhos.

"Então, suma-se dos meus pés; não quero mais usar você." Replicou Cró-Cró, a galinha.



Assim, Sapatinhos Vermelhos foi-se pela rua plact-plac novamente.

Quac-Quac, o pato, viu Sapatinhos Vermelhos e chamou: "Ó, Sapatinhos Vermelhos, vem cá. Quero usar você."

Quac-quac, o pato, pulou para dentro dos sapatos.

"Agora, nada." mandou Quac-quac, o pato.

"Não posso nadar." respondeu Sapatinhos Vermelhos.

"Então, suma-se dos meus pés; não quero mais usar você." replicou Quac-quac, o pato.



Assim, Sapatinhos Vermelhos foi-se pela rua plact-plac novamente.

Bau-au, o cão, viu Sapatinhos Vermelhos e chamou: "Ó, Sapatinhos Vermelhos, vem cá. Quero usar você."

Bau-au, o cão, pôs uma pata num sapato, outra pata no outro sapato, e então latiu: "Preciso de quatro sapatos."

"Sinto muito, mas sòmente sou dois." "Respondeu humildemente Sapatinhos Vermelhos."

"Então, suma-se das minhas patas; não quero mais usar você." replicou Bau-au, o cão.



"Acho que teremos que voltar para a velha loja." Disse um sapatinho.

"Ora, veja!" exclamou o outro sapatinho.

Lá, na calçada, estava sentada uma menininha. Estava descalça. Chorava porque os seus pés estavam muito frios. Sapatinhos Vermelhos correu plic-ploc para a menininha e pulou nos seus pés. Logo os pés da menininha começaram a se aquecer. Olhou para baixo e viu os belos Sapatinhos Vermelhos. Deu um pulo e correu para casa plic-ploc, para mamãe.

"Oh, veja meus Sapatinhos Vermelhos." Disse à mãe. E a menininha ficou muito agradecida pelos seus novos Sapatinhos Vermelhos!



ilustrado por Virginia Sargent

O Amor Estará Pronto

por Florence Hodges

Os caldeirões e panelas batiam suas tampas sôbre o fogão. O bebê chorou e agitou-se pedindo seu sono vespertino. O cãozinho caminhou mansinho em busca de comida mais apetitosa do que ração para cães. Uma sala em desordem, um tapete necessitando ser varrido, obsedavam-me. Se eu não pusesse a sala em ordem antes que o comitê para desenvolvimento da vizinhança se reunisse às oito horas, estava certa de que minhas amigas iriam decidir que o lugar para começar a limpeza era justamente a minha casa.

Na hora em que as tarefas da tarde mais implicavam no cuidado das crianças, do marido, dos animais de estimação, dos brinquedos espalhados, e entravam num crescendo que era pontilhado de uns poucos telefonemas e toques de campainha, Tininha chamou insistentemente lá do jardim.

“Mamãe, vem ver o que está aqui,” gritou ela, “Vem ver! Mamãe! MamaEEEE! Vem ver!”

“Vem ver, mamãe.” Tininha repetia seguidamente como só uma criança é capaz de o fazer.

“O que é, Tininha?” respondi. “Mamãe está ocupada. Diga o que é.” E com um tom aborrecido, acrescentei: “Olharei amanhã.”

“Não, mamãe!” Gritou Tininha. “Amanhã talvez não esteja mais aqui.”

Com um suspiro resignado dirigido a

uma criança tão persistente, desliguei o fogão e apanhei o bebê que imediatamente deixou de agitar-se. Seguida do cãozinho, fui para o jardim.

Tininha correu para um junquilha e encostou o rostinho no botão dourado. “Veja! Dê uma cheiradinha, mamãe. Olhe!”

Jamais esquecerei como os raios do sol declinante esgueiraram-se pela flor dourada e pelos cabelos claros da menina. Aquêl momento foi uma recompensa por todos os labôres do dia, uma recompensa que teria sido perdida se eu tivesse insistido em terminar minhas aborrecidas tarefas.

Tininha estava com apenas três anos, falava das flôres que descobrira ao dizer que “poderiam não estar alí amanhã.” Sei que a flor estaria alí. Mas aquêl singular momento, resplandescente com a inocente e frágil beleza de uma criança descobrindo as maravilhas da natureza, foi um lembrete para colocar as coisas certas em primeiro lugar. A harmonia única daquele momento dourado jamais tornaria a ocorrer daquela mesma maneira. Repentinamente, ví o maravilhoso dom de Deus concedido a cada mãe: o dom da vida em seus filhos.

O bebê, Tininha, e eu passamos alguns momentos sentados no jardim. Que o jantar se atrase. O amor estará pronto.